

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

Maio - 2023
Ano LXXIV - Nº 3
R\$ 12,00



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 12,00

Carlos Romero 100 anos

A história do jornalista, escritor e magistrado que ajudou a fundar a Orquestra Sinfônica da Paraíba, viu o 'Correio das Artes' surgir e deixou impresso, em dezenas de crônicas, o olhar sobre a vida, as pessoas e os lugares por onde passou



Livraria AUNIÃO

Bem-vindo(a) à
casa da literatura paraibana

marketing EPC



Acesse online



Espaço Cultural José Lins do Rego
João Pessoa - PB



@livrariaauniao



EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO

@epcpb

Carlos Romero, um ser de luz

O humanismo, a escrita e a vida de Carlos Augusto Romero são esmiuçadas na edição de maio, à luz de seu centenário, que será celebrado neste mês de junho de 2023, pouco mais de quatro anos depois de sua partida, aos 95 anos de idade, em janeiro de 2019.

A reportagem de 10 páginas assinada por Alexandra Tavares tem início pelas atividades de Carlos Romero: escritor, professor, jornalista, magistrado, amante da música erudita, adepto e estudioso da doutrina espírita, defensor da natureza e do respeito entre os seres humanos.

Ao longo das páginas, escritores, colegas da Academia Paraibana de Letras (da qual Romero era ocupante da cadeira de nº 27) e familiares dão depoimentos preciosos, e precisos, sobre o caráter iluminado do autor de *A Dan-*

A matéria também revela as relações do escritor com a imprensa (...) afinal integrou a equipe que deu vida a este 'Correio das Artes'

ça do Tempo, o homem que descreveu João Pessoa, a Paraíba e o mundo, através de suas conhecidas viagens, em crônicas e relatos que deixou impresso em livros e jornais ao longo da vida.

A matéria também revela as relações do escritor com a

imprensa paraibana, afinal, antes de abraçar carreira na magistratura, Carlos Romero atuou no jornal *A União*, desempenhando funções como revisor, repórter, redator e, mais tarde, se consolidando como importante cronista do diário impresso.

Também integrou a equipe que deu vida a este **Correio das Artes**, através da iniciativa do poeta Edson Régis e de Silvino Lopes, como recorda o jornalista e escritor José Nunes, na reportagem a seguir.

Portanto, a vida e a obra de Carlos Romero merecem ser contadas e lembradas sempre, como alguém que fez muito pela nossa escrita e deixou um legado de beleza, harmonia e fraternidade.

Boa leitura!

O editor

editor.correiodasartes@gmail.com

índice



CAMPINA GRANDE

Josemir Camilo de Melo analisa a obra 'Centenário Félix Araújo', antologia que revela a arte e a vida do poeta, que teria feito 100 anos em 2022.



PRIMEIRA PESSOA

Poeta curitibano, Hamilton Faria fala sobre vida e obra, em depoimento exclusivo, dado ao colega paraibano Sérgio de Castro Pinto.



ARTE NAÏFF

Produção artística da paraibana Analice Uchôa é analisada pelo professor, poeta e ensaísta potiguar Márcio Lima em ensaio exclusivo.



AO RÊS DA PÁGINA

Em sua coluna, o escritor Tiago Germano, de 'Demônios Domésticos' e 'O Que Pesa no Norte', avalia o processo de escrita do autor.



OUVIDORIA:
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória

DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio C. Azevedo
DIAGRAMAÇÃO
Domingos Sávio
ARTE DA CAPA
Tonio
ILUSTRAÇÕES

Carlos Romero faria 100 anos em junho de 2023: felicidade e paz eram marcas do escritor, professor e magistrado, um defensor da natureza, estudioso da doutrina espírita e que pregava o respeito entre os seres humanos



Carlos Romero

HOMEM QUE SEMPRE
DEFENDEU OS VERDADEIROS
VALORES DA VIDA

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Escritor, professor, jornalista, magistrado, amante da música erudita, adepto e estudioso da doutrina espírita, defensor da natureza e do respeito entre os seres humanos. Essas são as várias características que, juntas e bem formuladas, constituíram a essência de Carlos Augusto Romero, um homem cuja filosofia de vida transcendeu os bens materiais. Nascido em 10 de junho de 1923 no município de Alagoa Nova, o filho de José Augusto Romero e de Pia de Luna Freire completaria o centenário de vida no próximo mês, mas quis o destino que sua partida ocorresse em 6 de janeiro de 2019, aos 95 anos. A passagem do paraibano aqui na Terra deixou, porém, verdadeiras lições de como é possível ser feliz e viver plenamente em paz ante as divergências do mundo.

A professora, escritora, crítica literária, e integrante da Academia

Paraibana de Letras (APL), Ângela Bezerra de Castro, declarou que antes de se tornar amiga de Carlos Romero, foi sua confreira na APL. A partir daí, eles se aproximaram e a convivência se estendeu aos filhos e esposa de Romero. Ela frisou que o amigo estava sempre feliz e guardava no rosto uma expressão que denotava paz.

Ler, escrever, ouvir músicas, admirar e defender a natureza eram hábitos costumeiros deste paraibano de personalidade serena, porém firme, pois segundo Ângela, tinha valores e pontos de vistas muito claros e definidos sobre a vida, uma postura decorrente da fé espírita que professava com coerência. Segundo ela, Romero era um homem elegante no vestir e no trato com as pessoas, e quando se permitia a uma crítica ou ironia era muito sutil e polido. A inteligência e o primor em tudo que se propunha a fazer se destacavam em sua personalidade.

“Carlos foi uma pessoa que se dedicou a aprimorar os dons da inteligência e da sensibilidade. Somente assim se explica que alguém seja brilhante e possa contribuir em várias formas do saber. Além disso, era movido por uma ética da participação ou da colaboração, convencido de que tinha um papel a desempenhar em sua existência. Como diria Fernando Pessoa, ‘multiplicou-se

para ser mais’ e, assim, poder interferir nas construções do seu tempo, deixando a marca positiva de sua passagem”, comentou Ângela Bezerra.

Outro confrade do intelectual, também integrante da APL, é o poeta e crítico literário, Hildeberto Barbosa Filho. Para ele, vários fatores contribuíram para que Carlos Romero conseguisse ser um homem múltiplo e, ao mesmo tempo, centrado nos valores que defendia. Os talentos que apresentava sofreram influência do contexto familiar, da educação esmerada e da sensibilidade que sempre revelou para as “coisas do espírito”. Era como se cada função que ele desempenhava convergisse para o aperfeiçoamento de um ser humano que buscava incansavelmente o caminho da retidão. “Nele, o magistrado se completava com o professor; o professor com o cronista e escritor; o escritor com o jornalista; o jornalista e acadêmico com o homem meditativo, voltado para as coisas do espírito”, disse Hildeberto.

Além da sapiência e autodidatismo, ainda havia elementos da personalidade de Carlos Romero que se destacavam. Os entrevistados dessa reportagem, como um coro uníssono, exaltaram a calma e mansidão que o paraibano sempre demonstrava nos relacionamentos interpessoais e profissionais. Hildeberto Barbosa, por exemplo destacou que nunca vira o amigo de “testa franzida, reclamando disto ou daquilo”. “Sua prosa me era sempre agradável. Os livros, os autores, a natureza eram os temas recorrentes. A música, principalmente, a música erudita, tinha sua profunda admiração. Chegou a escrever excelente opúsculo acerca do grande *Bethoven*, um dos gênios de sua devoção particular”, acrescentou Hildeberto.

O escritor, jornalista e diácono José Nunes conheceu o intelectual paraibano na década de 1980 e também tornaram-se amigos. Entre as muitas lembranças que guarda dele, Nunes destacou o gosto do intelectual para os sons dos instrumentos vibrando harmoniosamente em forma de canção. “Carlos afirmava que a música era tão importante para ele como o oxigênio. Quem o conheceu, ou dele se aproximou, logo percebeu que suas atitudes eram de um homem sereno no trato com o próximo”.

DIPLOMACIA RELIGIOSA

Apesar de suas convicções sobre os princípios da doutrina espírita, Carlos Augusto Romero nunca foi um homem intransigente em relação à crença alheia, pois transitava com diplomacia por meio de outras religiões. O escritor, jornalista e diácono, José Nunes, é uma das pessoas que conviveu com o paraibano por mais de 30 anos. Ele é testemunha da postura respeitosa de Romero quando o assunto era espiritualidade e fé.

“Carlos, mesmo praticando a doutrina espírita, inspirada em *Allan Kardec*, sabia conviver pacificamente com as pessoas de religiões diferentes. A dimensão religiosa e filosófica do homem Carlos Romero sempre foi de um espírita convicto. Meditou e publicou vários trabalhos relacionados com a doutrina codificada por Kardec. Ele buscava o diálogo com o transcendental através do Espiritismo”, declarou Nunes, que também é membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP).

Ele contou que, em muitas crônicas de Romero, é possível observar o diálogo com o transcendental na intimidade com a natureza e com Deus, que se encontra em todas as coisas. Os fundamentos da religião que adotara, baseados nos princípios filosóficos, também estavam na rotina de estudos do escritor paraibano.

O respeito ao próximo e ao planeta não eram apenas assuntos pregados na teoria, pois foi praticando essas atitudes nas mais diversas formas de relacionamentos que Romero deixou marcada na memória de quem o conheceu suas principais virtudes. “Era uma pessoa com gestos inalterados, que perdeu por toda a sua vida, reto e digno. Parece que percorria o mundo em busca de paz, mesmo que a paz estivesse perto dele. Foi um homem que sempre teve o olhar poético ao contemplar os lírios do campo, como ensinou o Mestre de todos os Mestres”, enfocou Nunes.

Hildeberto Barbosa Filho, contou que, apesar de muito religioso, nunca viu Romero fazendo proselitismo das crenças e valores que adotara. Sabia, como poucos, respeitar os pontos de vista contrários. “Também me parecia avesso à discussões

FOTO: ROBERTO GUEDES/AUNIÃO



Hildeberto: “O magistrado se completava com o professor, o professor com o cronista e escritor, o escritor com o jornalista, o jornalista e acadêmico com o homem meditativo”

FOTO: DAVID DINIZ/APL



Para Ângela Bezerra, o escritor Carlos Romero foi uma pessoa que se dedicou a aprimorar os dons da inteligência e da sensibilidade

FOTO: ARQUIVO DE FAMÍLIA



Carlos Romero e a violinista Alaurinda Padilha, companheira por mais de 30 anos do escritor

FOTO: MARCOS RUSSO/A UNIÃO



“Mesmo praticando a doutrina espírita, Carlos Romero sabia conviver pacificamente com as pessoas de religiões diferentes”, avalia José Nunes

inócuas e à ostentação da fé, diferente, portanto, de tantos oportunistas que andam por aí falando em nome de Deus”, afirmou Hildeberto.

Uma prova da convivência harmônica de Carlos Romero com integrantes de outras religiões é a amizade que cultivou com o pastor Estevam Fernandes, da Primeira Igreja Batista, em João Pessoa. Segundo o pastor, eles se conheceram no final dos anos 1990, nos eventos culturais da cidade e nos encontros ecumênicos. Os dois tiveram oportunidade de conversar sobre Deus, fé, esperança e a vida. “Éramos amigos respeitosos, apesar das diferenças de visão religiosa do mundo. Ele era espiritual, sem ser religioso radical”, disse Estevam.

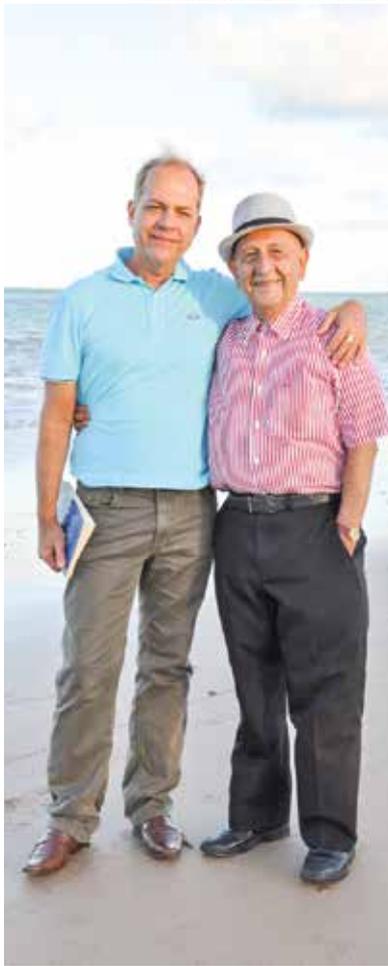
Ao comentar a capacidade que o escritor e magistrado paraibano tinha em se relacionar amigavelmente com pessoas, independentemente da crença, o pastor salientou que Carlos Romero “era um sujeito formidável, com uma grande bagagem cultural e, especialmente, com uma espiritualidade muito intensa, servindo a Deus e ao próximo”. “Uma pessoa da qual todos tínhamos um saudável orgulho. Um homem especial”, completou Fernandes.

Segundo Alaurinda Padilha, companheira de vida de Romero por quase três décadas, o marido não apenas frequentava as reuniões espíritas, estudava o tema, como também ministrava palestras sobre o assunto. “Eu ia muito com Carlos aos centros espírita. Ele dava palestra e eu o acompanhava. Tivemos uma relação muito harmoniosa e agradeço muito ao Espiritismo”.

Já o filho de Carlos Romero, o arquiteto, escritor e bacharel em música, Germano Romero, afirmou que o pai costumava repetir que “nascera espírita”, uma vez que o pai dele, José Augusto Romero, desde jovem, largou o seminário e abraçou o Espiritismo após ter-se frustrado com uma pergunta que fez ao padre: “Deus está em todos os lugares do infinito universo?”. À resposta positiva do sacerdote, ele replicou: “Então, Ele também está no inferno?”.

O silêncio reprovador do padre teria sido a gota d’água para José Augusto interromper a carreira de seminarista, somada ao término da leitura de *O problema do Ser, do Destino e da Dor*, do escritor, pensa-

FOTO: ARQUIVO GERMANO ROMERO



Filho de Carlos Romero (D), Germano Romero (E) lembra que o pai repetia que “nascera espírita”, uma vez que o pai dele, José Augusto Romero, largou o seminário e abraçou o Espiritismo

“

**Habitua-mo-nos a ouvir dele que jamais gostaria de voltar no tempo (...)
'Envelhecer com discernimento é como olhar tudo do alto de uma montanha', dizia**

Germano Romero

dor espírita e médium francês Léon Denis, que ele considerava uma obra arrebatadora.

Depois que se dedicou ao Espiritismo, José Augusto Romero presidiu a Federação Espírita Paraibana por 44 anos consecutivos. Tanto afinou-se com o meio espírita brasileiro que chegou a hospedar, na própria casa, o escritor e filósofo ítalo-brasileiro Pietro Ubaldi, autor de *A Grande Síntese*, e o médium Divaldo Franco, por mais de uma vez. “Foi nesse ambiente que papai iniciou sua mais recente encarnação. Já maduro, se dedicou à causa, pesquisando, estudando, e se tornou orador assíduo da Federação Espírita Paraibana e do Centro Espírita Leopoldo Cirne, então liderado pelos jornalistas Azamor Cirne e Hélio Zenaide”, detalhou Germano.

Segundo ele, foi pautado na experiência em uma doutrina que sintetiza aspectos científicos, filosóficos e religiosos, que Carlos Augusto Romero encontrou o leme de sua conduta tranquila, sábia e bem humorada. “Via tudo com a consciência do efêmero, cultivava valores permanentes que, como dizia, ‘ladrão não leva e a traça não róí’. Habitua-mo-nos a ouvir dele que jamais gostaria de voltar no tempo, retroceder na idade, à qual atribuía sabedoria: ‘Envelhecer com discernimento é como olhar tudo do alto de uma montanha’ – dizia”, recordou o arquiteto.

A certeza da continuidade da vida do espírito era convicção reforçada não apenas no exemplo diário, mas principalmente em suas palestras que, conforme Germano, eram sempre cheias de humor. Era exatamente com esse ânimo que o intelectual paraibano enxergava a existência humana, a ponto de rir de si próprio. Germano Romero contou que quando o pai se submeteu à primeira cirurgia, para corrigir uma estenose lombar súbita que o acometeu em uma viagem feita a Tel-Aviv, o maqueiro do hospital, já em João Pessoa, se surpreendeu ao vir buscá-lo para o bloco cirúrgico.

“Papai seguiu assobiando. O rapaz que trabalhava há 20 anos como maqueiro disse que já tinha visto paciente se dirigir para uma cirurgia orando, tremendo, com medo, se benzendo, mas assobiando, nunca! Era assim que ele ‘enxergava a vida’, em seus altos e baixos”.

A CHEGADA E A PARTIDA NUM DIA DE DOMINGO

O dia do nascimento de Carlos Augusto Romero, ou seja, 10 de junho de 1923, caiu num dia de domingo. Em entrevista registrada no *Correio das Artes*, na edição de dezembro de 2013, ele detalhou um pouco sobre essa data. “Vim ao mundo no crepúsculo do dia, no Sítio Público de Mangueiras, como o meu irmão, o poeta e historiador Eudes Barros, chamava Alagoa Nova”, disse.

Na mesma edição da revista literária, ele acrescentou: “Deixei minha terra natal com quatro anos de idade, quando minha família se transferiu para João Pessoa, onde papai comprou uma casa na Rua Nova. Essa casa ficava junto onde é hoje o Shopping Popular Terceirão. Aliás, ela foi demolida. Passamos um tempo lá. Depois, papai comprou um sítio na Lagoa (Parque Solon de Lucena). Foi aí que começou a minha vida feliz, num paraíso, porque o sítio tinha todas as frutas e era uma beleza”, relatou.

Na juventude, Carlos Romero passou a morar no litoral pessoense, mais precisamente, no bairro de Tambaú. O paraibano iniciou os estudos na Escola Normal, que funcionava no prédio onde está instalado o Tribunal de Justiça da Paraíba, na Praça João Pessoa, na capital. Mais tarde, foi para o Grupo Escolar Epitácio Pessoa, no bairro de Tambiá, e depois para o Liceu Paraibano, no Centro. “O Liceu era muito bem conceituado naquela época, uma verdadeira universidade, com grandes professores, onde iniciei meu estudo complementar de Humanidades”, rememorou Carlos Romero em 2013, no *Correio das Artes*.

A fase estudantil do paraibano foi interrompida quando ele teve de servir ao Exército, entre 1942 e 1945, em plena 2ª Guerra Mundial. Nesse período, se instalou no 15º Regimento de Infantaria Motorizado, em Cruz das Armas, e depois foi transferido para a cidade de Natal. Na capital potiguar, esteve na iminência de seguir para os campos de

IMAGEM: ARQUIVO A UNIÃO



Ao voltar à vida civil, após passagem pelas Forças Armadas durante os anos 1940, Carlos Romero foi trabalhar no jornal *A União* e chegou a escrever para o *Correio das Artes*

batalha na Itália, mas não chegou a ser convocado. Ao concluir a passagem nas Forças Armadas, voltou à vida civil em João Pessoa e passou a atuar no Jornal A União, como revisor. Depois, trabalhou como repórter, redator e mais tarde cronista, função que abraçou por toda a vida e que deixou muitas delas nas páginas do periódico centenário estatal, e em outros jornais paraibanos como o Correio da Paraíba.

A multiplicidade de conhecimentos de Carlos Romero voltou-se também para a área jurídica. Ele graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e, posteriormente, fez curso de especialização em vários ramos do direito na UFPB, instituição que trabalhou como professor. Após se formar em Direito, foi designado para ser juiz em Santa Rita, mas não se demorou na função. Mais tarde, fez concurso para juiz de Alagoa Nova, lugar onde exerceu a função por muito tempo. Depois, foi nomeado por José Américo de Almeida para ser promotor de Justiça da cidade de Areia.

Entre as várias áreas em que atuou, Carlos Romero ainda foi diretor da Rádio Tabajara e, como amante da música clássica, foi um dos fundadores da Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB). Ainda foi conselheiro membro do Tribunal de Ética da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), integrou o Conselho de Cultura do Estado da Paraíba e foi chefe da Casa Civil no governo Pedro Gondim.

A vida de escritor, sobretudo cronista, lhe rendeu livros como *A dança do tempo*, uma coletânea de crônicas que trata do cotidiano da vida familiar. Entre as demais obras se destacam *O Papa e a mulher nua* (crônicas de viagem), *Meu encontro com Kardec* (diálogos imaginários), *Lições de viver* (crônicas) e as plaquetes *O milagre de Anchieta*, *A outra face de Beethoven*, *Lauro Neiva: um médico entre dois mundos*, *A Falência no Direito Brasileiro e Viajar é sonhar acordado* (crônicas de viagem). Escreveu ainda uma peça teatral intitulada *O bom assaltante*.

O destaque na cultura paraibana o conduziu à Academia Paraibana de Letras (APL) e, como mencionou a ex-presidente da instituição, Ângela Be-

zerra de Castro, a “APL o acolheu como imortal, e sua obra publicada reitera esse título”.

O magistrado e escritor paraibano casou-se duas vezes. O primeiro matrimônio foi com a pianista Carmem Coeli. Juntos, tiveram os filhos Carlos Augusto Romero Filho, professor do Doutorado de Física da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e Germano Gouveia Romero, arquiteto, escritor e bacharel em música. Mas, Carmem faleceu aos 55 anos, vítima de meningite, deixando os filhos Germano Romero, com 26 anos, e Carlos Romero Filho, com 30. Três anos depois, o viúvo conheceu a violinista Alaurinda Padilha, integrante da Orquestra Sinfônica da Paraíba por 30 anos, sua segunda esposa. Os dois permaneceram juntos até os últimos dias de vida do paraibano.

Coincidência ou não, a trajetória do intelectual paraibano nesse plano iniciou e findou em um mesmo dia da semana. Assim como seu nascimento ocorreu no crepúsculo de um dia de domingo, sua partida ocorreu em 6 de janeiro de 2019, um domingo, no Hospital Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa. A causa do óbito não foi divulgada pela família. O velório ocorreu na residência dos Romero, em Tambaú, e o enterro no Cemitério Senhor da Boa Sentença, no Varadouro.

Entre as várias áreas em que atuou, Carlos Romero foi diretor da Rádio Tabajara e, como amante da música clássica, foi um dos fundadores da Orquestra Sinfônica

“

Ao contrário de outras cidades do país, João Pessoa não nasceu à beira-mar, mas sim na beira de um rio. A caminhada dela é o inverso das outras.

José Octávio de Arruda Mello

“UM HOMEM COMPLETO”

FOTO: ARQUIVO DE FAMÍLIA



Se para os amigos, Carlos Romero foi um ser pacificador e uma pessoa de fino trato, o que dirá os familiares que conviveram lado a lado do pai, do esposo e do modelo de ser humano pelo qual tinham a alegria de poder se espelhar. “Um homem completo. Pai e filho, só o são de verdade, quando ambos conseguem ser o melhor amigo um do outro. Ele era pai e amigo em tudo. Mais tarde, avançado na idade, costumava dizer que invertemos os papéis: ele virou filho e eu pai, referindo-se aos cuidados que eu tinha com ele”, declarou Germano Romero, o caçula do primeiro casamento do magistrado.

Como pessoa, ele confessou que as principais virtudes do pai eram a discrição, a educação, a caridade, a simplicidade e o sentimento de fraternidade para com todos, incluindo a natureza. “A maneira respeitosa como tratava quem com ele convivia, quem encontrava no caminho, e principalmente os subordinados, era exemplar”, completou.

Assim como na vida pessoal, Carlos Augusto Romero também deixou verdadeiras lições de retidão aos filhos e uma das características marcantes, segundo Germano, foi a “dignidade”, uma vez que conseguiu se destacar em tudo que se

propôs a fazer por causa, sobretudo, da moralidade com que agia. “Era incapaz de auferir qualquer benefício pessoal nos cargos que ocupou. Fazia tudo por amor. Essa é a verdade”.

Na avalanche de recordações em família, Germano preserva na memória as viagens feitas com o pai mundo a fora. Conhecer outras culturas, povos e histórias era um dos hobbies do genitor que não media esforços para vencer o cansaço e “bater perna” nas ruas das cidades que visitavam, sobre tudo em países da Europa. Lugares mais distantes como Nova Zelândia, Austrália, Rússia, Islândia e



Carlos Romero, cercado pela esposa, filhos e netos: discrição, educação, caridade, simplicidade e sentimento de fraternidade

gusto Romero Filho, professor do Doutorado de Física da UFPB, também compartilhou inúmeras experiências ao lado do pai. Ele declarou que um dos momentos marcantes que vivenciou foi a morte da mãe, Carmem Coeli, e enfatizou a reação do genitor diante do fato. “Quando minha mãe partiu, sua atitude (Carlos Augusto Romero) diante da grande tragédia que se abalou sobre todos nós me impressionou para sempre. Ele soube aceitar tudo e, embora estivesse sofrendo muito, continuou a olhar para frente com otimismo e serenidade”, afirmou Carlos Romero Filho.

Ele contou que teve um pai muito amigo, carinhoso, pronto para escutar e tinha nele um verdadeiro norte na vida. “Um farol, que iluminava e me orientava em minhas decisões.”

Ao tentar citar o principal legado deixado pelo pai, Carlos Romero Filho frisou que a tarefa não era das mais fáceis, porém, destacou a honestidade e coerência de sentimentos transmitidos pelo intelectual paraibano. “Papai agia rigorosamente de acordo com todos os princípios morais em que acreditava.”

Já Alaurinda Padilha, a “boadrasta” como diz Germano Romero, frisou que todos os momentos vividos com o marido foram “memoráveis”, mas não esquece do primeiro encontro do casal. Foi durante um

jantar, em 6 de junho de 1990, oferecido por Carlos Romero ao maestro Eleazar de Carvalho e à cantora lírica Maria Lúcia Godoy, que tudo começou. “Eu estava lá com meu irmão e conversamos muito sobre viagem, livro, pintura e música. Eu achei que tinha uma coisa muito incomum na gente e vi que Carlos Romero era a pessoa ideal para mim. Acho que ele também sentiu o mesmo”, declarou Alaurinda.

A partir do primeiro encontro, as idas para os concertos e a proximidade entre os dois foram inevitáveis, resultando numa união que durou 29 anos e que, segundo ela, ainda continua. “Porque Carlos está muito presente nas nossas vidas. Eu gostaria de dizer que nesse relacionamento tivemos um anjo da guarda, que foi meu ente querido, Germaninho. Também gosto muito do físico, Tuca, o Carlos Augusto, e dos meus netinhos dele que considero como meus”, ressaltou.

Ela frisou que uma das características do marido era o bom humor, que desafiava qualquer princípio de desentendimento entre os dois. “Carlos era muito engraçado. Quando eu ia ter uma raiva dele, achava graça no que ele dizia logo em seguida. Nossa convivência foi muito gratificante, perfeita, e a saudade vai durar enquanto a gente existir aqui.”

Marrocos também estiveram no roteiro dos viajantes.

“Todas as viagens foram incrivelmente felizes e bem aproveitadas. Íamos sempre juntos, eu, ele, a ‘boadrasta’ Alaurinda e meu companheiro Davi Lucena, com quem sou casado há 29 anos, e quem ele tinha como terceiro filho. Várias vezes, as irmãs de Davi, minhas cunhadas Dione e Djane, também nos acompanharam. Concertos, óperas, balés, musicais, museus, galerias de arte e livrarias não faltavam. Passávamos o dia inteiro na rua, desde que acordávamos à hora de dormir”, recordou Germano.

Destas experiências, muitas reflexões cotidianas se tornaram inspiração para escrever e resultaram em livros como *Viajar é sonhar acordado*, *O papa e a mulher nua*, *Meu encontro com Kardec*, e uma infinidade de crônicas registradas nos jornais da cidade, sobretudo em *A União* e no *Correio da Paraíba*.

O filho primogênito, Carlos Au-



IMAGENS: REPRODUÇÃO

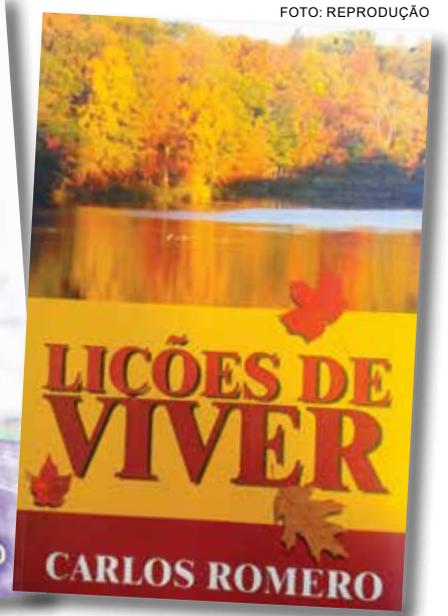


FOTO: REPRODUÇÃO

A vida cotidiana de Carlos Romero, repleta de viagens e ensinamentos, foram registradas em livros, como 'Viajar é Sonhar Acordado' e 'Lições de Viver'.

ESCRITOR DAS FORMULAÇÕES LÍRICAS

Como escritor, o paraibano de Alagoa Nova se fortaleceu ao abordar o mundo em que o cercava por meio das crônicas. O mar, as árvores, o céu, os animais, a lua, as singelezas do cotidiano se desenhavam nas letras que ele registrava, gerando diversas sensações nos leitores. O poeta e crítico literário Hildeberto Barbosa Filho afirmou que o “seu talento de escritor se configurou melhor na crônica, gênero que explorava com singeleza estilística e visão empática do mundo”.

Para Hildeberto, o escritor Carlos Augusto Romero “estava sempre atento às coisas simples da vida”. A mesma opinião é compartilhada pela escritora, professora e crítica literária Ângela Bezerra de Castro. “Nas suas crônicas, ficou registrado esse amor universal, em lindas formulações líricas. Como bom cronista, o olhar de Carlos Romero se voltava para o cotidiano, e dele extraía a significação encoberta”, declarou a professora.

Ângela comentou que a força do talento do paraibano vai mais além do que um único gênero textual, mas se difunde na própria arte de escrever. Segundo ela, foi na imprensa que o intelectual paraibano “sedimentou sua criação literária e exerceu maior influência na comunidade, não apenas como um escritor de estilo inconfundível, mas como divulgador da doutrina espírita que, no lirismo de suas construções, encontrava maior força de convencimento”. “Sem dúvida, foi a expressão literária que lhe deu maior destaque e prestígio na cena cultural paraibana”, reforçou.

Ela acrescentou que o talento para as letras de Romero se refletia na carreira de jurista dele. “Integrando o mundo jurídico, no exercício da magistratura, Carlos mantinha, em sua linguagem literária, uma distância quilométrica da estratificação e do formalismo ‘juridiquês’”.

Já o escritor, jornalista e membro do IHGP, José Nunes, afirmou que a dimensão poética é uma das grandezas da crônica de Romero, que proporciona o prazer da leitura, despertando mergulhos na emoção do leitor. De acordo com ele, os apreciadores de uma boa literatura reconhecem o fascínio dessa obra “que transborda sentimentos e traz leveza para a alma”.

“Ler seus textos é como escutar a música do vento que encanta, transforma e alimenta o espírito. Suas crônicas têm a melodia do cântico dos pássaros e a música das ondas do mar; por isso, ele tanto gostava de Bach, Beethoven e de todos esses monstros sagrados que trouxeram a presença do divino até nós, por meio de suas composições musicais ou poéticas”.

CRÔNICAS NA INTERNET

O leitor que se interessar em ler muitas das crônicas de Carlos Augusto Romero podem acessar o site carlosromero.com.br, criado há 15 anos como um blog que buscava divulgar os textos do intelectual paraibano. Nos últimos anos, sob os cuidados de Germano Romero, o projeto digital tornou-se o Ambiente de Leitura Carlos Romero (ALCR), um espaço que resguarda textos de jornalistas, escritores e vários intelectuais da Paraíba.

“Existem publicações que já chegam perto de um milhão de visualizações e, muito em breve, atingiremos a marca de 13 milhões de acessos”, declarou Germano. Entre os colaboradores do site estão pessoas que escrevem de forma fixa, com regularidade na divulgação dos textos, mas também de maneira esporádica. Germano Romero explicou que o objetivo do ALCR é incentivar, em uma atividade sem fins lucrativos, a descoberta de talentos para a literatura. “É também uma forma de homenagear Carlos Romero e manter sempre viva a sua memória”, completou.

Ao todo são mais de 30 autores fixos não só da Paraíba, mas de outros estados. Há textos assinados por nomes como Gonzaga Rodrigues, W. J. Solha, Ana Adelaide Peixoto, Alberto Lacet, Chico Viana, Cristina Siqueira e Josina Nunes Drumond.

“

Como bom cronista, o olhar de Carlos Romero se voltava para o cotidiano, e dele extraía a significação encoberta

Ângela Bezerra de Castro

UM DOS FUNDADORES DO CORREIO DAS ARTES

A participação de Carlos Augusto Romero na imprensa paraibana se consolidou pela sua intensa produção escrita, sobretudo como cronista, em jornais do Estado, mas foi em *A União* que ele extravasou suas aptidões na profissão. Além de revisor, repórter, redator e cronista, integrou a equipe que fundou o *Correio das Artes*, revista literária que completa 74 anos de existência e que nasceu como um suplemento de *A União*, em 1949.

Na edição do *Correio das Artes* de 2013, Carlos Augusto Romero explicou que naqueles anos eram comuns os cadernos literários nos grandes jornais brasileiros e quem se destacava nesse aspecto era o *Diário de Pernambuco*. Ele contou que todo jornal, aos domingos, tinha sua página literária, foi dentro desse contexto que surgiu o *Correio das Artes*, como suplemento encartado ao jornal *A União*. Na época, a novidade foi vista

como inovação na Paraíba.

“Carlos Romero integrou a equipe que fundou o *Correio das Artes*. Mas, segundo ele, o esforço para editar o suplemento literário foi do poeta Edson Régis, que era de Pernambuco e morava na Paraíba, juntamente com Silvino Lopes, não se sabe se por causa da política naquele estado, que era governado por Agamenon Magalhães. Aqui chegando, logo Edson Régis assumiu o cargo de secretário do jornal *A União*. Contou com o apoio de Simeão Leal, muito prestigiado no meio jornalístico e literário, principalmente com o pessoal do Sul”, afirmou o escritor, jornalista, diácono e membro do IHGP, José Nunes.

Ele recordou que a primeira edição do *Correio das Artes* foi publicada em 27 de março de 1949, e Carlos Romero estava na equipe que participou da fundação deste suplemento.

Segundo Nunes, nos primeiros

números da publicação é possível encontrar poemas de Carlos Romero. “Depois de enveredar por este gênero literário, decidi somente escrever crônicas”, frisou.

O poeta e crítico literário, Hildeberto Barbosa Filho, também reiterou a participação de Romero na revista já na primeira edição. Posteriormente, o paraibano chegou a editar a publicação. “Carlos Romero integrou a equipe de redatores e colaboradores do *Correio das Artes*, em sua primeira fase. Depois de Edson Régis e Eduardo Martins, também chegou a editar o velho suplemento de *A União*, precisamente do número 77 ao número 88”, reforçou Barbosa.

Seguindo o exemplo de seus antecessores, Hildeberto destacou que Romero fez “uma editoria aberta e plural, abrigando autores de todas vertentes estéticas, no entanto, priorizando, sempre, a força da literatura paraibana”.

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO

O centenário de nascimento do paraibano Carlos Augusto Romero será lembrado pela família com muita música, ao gosto do homenageado, que era apreciador das notas harmônicas das orquestras sinfônicas. Segundo o filho Germano Romero, o concerto da Orquestra Sinfônica da Paraíba no dia 15 de junho será em homenagem à memória de quem ajudou a fundá-la.

“Tivemos a ideia de sugerir ao atual regente titular da Orquestra Sinfônica da Paraíba, Gustavo de Paco, que dedicasse o concerto de junho, já incluído no programa da temporada oficial, à sua memória. Como membro da Sociedade de Cultura da Paraíba, grupo que promoveu a fundação da orquestra, em 4 de novembro de 1945, e grande incentivador do movimento musical de nosso estado, acreditamos que ele ficaria grato e feliz”, frisou Germano.

Ele acrescentou que quando o pai dirigiu a Rádio Tabajara, criou um programa de música erudita que se chamava *Paisagem Sonora*, com “muito boa audiência e participação dos ouvintes”. “É na música que encontramos seguramente as frequências vibratórias mais afinadas com Carlos Ro-



FOTO: THERCLES SILVA/FUNESC

mero”, disse.

Segundo ele, nas melodias também se pode vislumbrar a imagem de Carlos Romero como “exemplo de um homem feliz”. “As coisas que acreditamos estarem em sintonia com ele e o mundo que ora habita são a música e o nosso inesgotável amor.”

Concerto da Orquestra Sinfônica da Paraíba no dia 15 de junho irá celebrar a memória de Carlos Romero

Alexandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal *A União* e do *Correio das Artes*. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

A fênix

Félix Araújo:

ENTRE HISTÓRIA E
LITERATURA

Josemir Camilo de Melo
Especial para o *Correio das Artes*



Coletânea reúne ensaios, alguns pequenos artigos, discursos analíticos, crônica, genealogia, história e memória do fenômeno político e cultural que foi Félix Araújo (ao centro)

O poeta campinense José Edmilson Rodrigues conseguiu uma plêiade de intelectuais para compor a presente coletânea *Centenário Félix de Souza Araújo* (RGe-ditora, 2022), pois o homenageado preencheu com sua vida e morte os recantos entre a retórica e a poética, entre a história e a política, e virou memória. Mas, agora, assim como queimaram sua “petit” livraria, Félix ressurgiu daquelas cinzas. Agora o poeta e acadêmico campinense restaura as trilhas do caminhante caririzeiro (com os lamentos de que um dicionário do porte de Houaiss ou o Vocabulário Ortográfico da ABL não tenham registrado este belo gentílico/toponímico: caririzeiro!!!) através das análises de um bom competente time.

Bem fez o poeta José Edmilson Pereira em parceria com o artista gráfico Fred Ozanam, de terem assumido, como timoneiros, o barco da memória que atravessa o rio da Solidão, para nos legar a fênix Félix Araújo. Guardou-se de excelente equipe de polígrafos e nos deu *Centenário de Félix Araújo*. Não bastasse o elenco de colaboradores, enriqueceu as orelhas do livro com excelentes excertos contemporâneos do orador (o imortal Juarez Farias e o não menos importante para os estados de Pernambuco e Paraíba, o grande Gláucio Veiga) e comentaristas hodiernos. Agradeço, à época, o seu convite, mas, compromissado com as celebrações do Bicentenário da Independência em Pernambuco, não pude participar das homenagens a Félix Araújo. Estava a produzir a monografia 1821, A ‘Revolução’

O homenageado preencheu com sua vida e morte os recantos entre a retórica e a poética, entre a história e a política, e virou memória.

Liberal em Goiana e a Queda do General Luiz do Rego, já no mercado.

Em 2006, na UEPB, orientei a dissertação de mestrado do professor historiador Faustino Teatino Cavalcante Neto: *O PCB Paraibano no Imaginário Social: O Caso: Félix Araújo na Fase da “Redemocratização” (1945-1953)*. Já havia o mito Félix Araújo comunista, antes, em 2003,

quando prefaciei o livro de José Octávio de Arruda Melo *Nos Tempos de Félix Araújo: A Redemocratização de 45 e a Paraíba*, exaustivo ensaio de contextualização, com destaque para o personagem homenageado.

A presente coletânea reúne ensaios, alguns pequenos artigos, discursos analíticos, crônica, genealogia, história e memória. São gerações diferentes se debruçando sobre o fenômeno político e cultural, um cometa a se eclipsar tão cedo. Pode-se dizer que o livro foi fecundado no Jardim de Academus da Serra da Borborema, a Academia de Letras de Campina Grande (ALCG), tal o desfile de seus nove acadêmicos (opas à parte!), sem contar com o sócio correspondente (da ALCG) José Octávio.

Desde o atual presidente, o magistral autor de *Além do Ipiranga: A Vida de Pedro Américo e Suas Incríveis Facetas* (CEPE/A União, 2022), Thélío Queirós Farias, e o fecundo e premiado Bruno Gaudêncio, da novel acadêmica Iêda Lima, ao imortalizado Rômulo Araújo. O palco dará vez aos demais adiante. Nada mais justa esta produção, pois o festejado é o patrono da Cadeira 13, desta Casa Amaury Vasconcelos, cujo primeiro

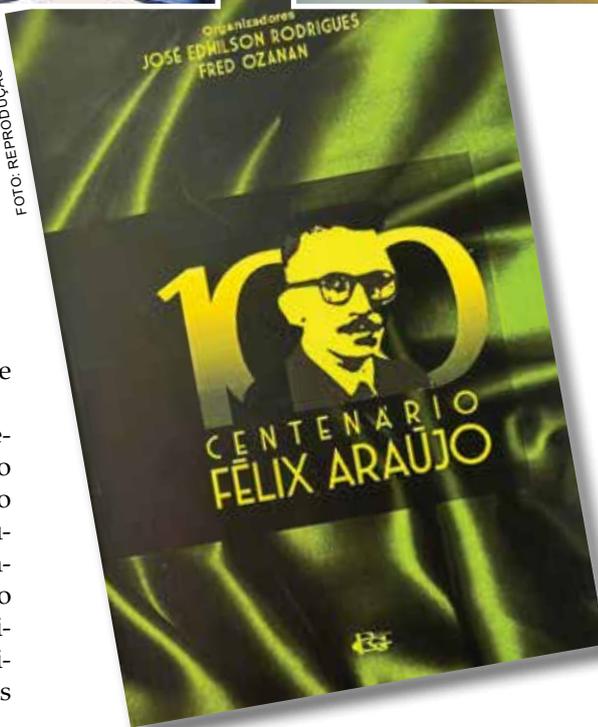
FOTO: DIVULGAÇÃO



FOTO: DIVULGAÇÃO



FOTO: REPRODUÇÃO



José Edmilson Rodrigues (à esquerda), em parceria com o artista gráfico Fred Ozanam, (à direita) organizou a obra 'Centenário Félix Araújo', reunindo textos de uma plêiade de intelectuais campinenses que restauram as trilhas do caminhante caririzeiro

ocupante foi seu conterrâneo, hoje imortal, Juarez Farias.

À abertura da coletânea, segue-se o texto narrativo introdutório do dublê de historiador e literato Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, apresentando um substancial estudo de contextualização histórico-literário, biográfico, muito bem concatenado, um verdadeiro thriller, como dando as chaves dos ensaios a seguir.

Da poética semiárida de Felix, cuidou Carlos Pereira de Almeida, centrando-se nos interstícios de utopia e morte, ancorado o crítico no excelente Octavio Paz. A curta crônica de Gonzaga Rodrigues é o olhar pessoal, decifrador da figura que já era Félix Araújo estudante, orador e líder em agitação estudantil pela meia entrada nos cinemas campinenses.

Hildeberto Barbosa dissecava rapidamente o poeta e cronista, deixando de lado o orador, por não estar documentado, já que gravação alguma existe de seus discursos. No entanto, traz um novo recorte de Félix Araújo: personagem de um romance, o Moacir de "A Vítima Geral", de Vinícius da Gama e Melo (1975). Excelente lembrança e iden-

tificação. O crítico pontua bem o estilo e a corrente literária do poeta Félix Araújo. Em seu estilo acadêmico, dissecava rapidamente Tamar (1945), o poema monotemático de inspiração oriental e humanista, produzido nas vertentes do romantismo e do simbolismo, fruto de um Félix Araújo de apenas 18 anos.

A acadêmica da ALCG, a campinense Iêda Lima, sob o título "A Genialidade do Soldado 6362", resenha, inicialmente, a produção do crítico e acadêmico José Mário da Silva Branco sobre Félix Araújo, publicado na Revista da Academia Brasileira de Letras em 2007. Em

seguida, retoma o discurso do irmão do ex-pracinha febianos, o veador Mário Araújo, e analisa, em passant, a trajetória do poeta das terras áridas, desde o estudante ao livreiro, ao orador, ao compositor de hinos de campanhas eleitorais e diretor do Departamento Municipal de Ensino na gestão Elpídio de Almeida. Por fim Iêda Lima tenta, em poucas palavras, dicotomizar as angústias do poeta paraibano com as do grande romancista russo Dostoiévski, optando nosso personagem pela ação política; quase um sartreano antes do tempo, digo eu.

Félix teve que aprender a renascer. Seu pai vem a falecer antes do avô, mas na mesma quadra de infelicidade. É o que nos conta em brilhante ensaio genealógico, esse holandês tão caririzeiro, João Jorge Rietveld, o padre de Cabeceiras. Ainda bem que o poeta só teve o irmão Mário, que seguiria a política da moderação, do comedimento. Félix, por sua vez, terá apenas um casal de filhos, Félix Filho e Tamar, este nome como carimbo e fechamento de um sonho adolescente invertido no papel. O ensaísta centra seus comentários no livrinho “Dor”, de sonetos, editado em 1943, para situar o drama “feliciano” (com o perdão da crítica!).

José Mário da Silva Branco, o biacadêmico e exímio crítico literário radicado na Serra da Borborema, faz brilhante e enxuta crítica, em apenas quatro páginas, do múltiplo intelectual Félix Araújo. Aqui faz mister lembrar o excelente ensaio desse grande professor da UFCG já publicado na Revista da ABL. Nesse pequeno ensaio, na coletânea, José Mário aborda a produção e o personagem, não de forma ensaística acadêmica, mas de maneira lírica, através de uma hermenêutica aberta e transdisciplinar, seguindo a escola de seu guru Eduardo Portella.

Para José Mário, o incomum Félix Araújo foi acolhido na neblinosa Serra da Borborema, deixando-a marcada com os signos de sua singular ascensão, através de sua multifacetada fisionomia intelectual. Aponta, o crítico, o caráter romântico e simbólico do poema Tamar, mas vê também o apuro técnico e invulgar centrado no humano.

Mas é o Félix cronista que recebe mais a atenção do mestre da crítica literária, pois é a narrativa do agora que encontra nele um dos mais fiéis intérpretes, pois manejava bem, o intelectual e político caririzeiro, os processos líricos da transfiguração do real, mas com leveza, já destituído do peso doutrinário. Como orador, analisa o crítico, Félix foi um gigante da retórica, tal a eloquência com que dominava a palavra, a emoção e as circunstâncias.

Outro que volta ao personagem em tela é o mestre da historiografia paraibana José Octávio de Arruda Melo, que, em um resumo de ensaio tradicional e acadêmico, nos convida a revisitar “Nos Tempos de Félix Araújo”. Para essa coletânea,

o mestre produz uma síntese, onde busca rastrear os passos do Félix Araújo esquerdista, na capital paraibana, sendo hóspede de políticos comunistas (e um deles, Baldomiro Souto, vai prefaciá-la sua obra Tamar – o marxismo já tinha o seu Lukács nordestino?). Mas mostra, ao mesmo tempo, sua adesão a uma variante católica, onde pontificava Alceu de Amoroso Lima, que, em contrapartida, apreciará o artigo de Félix.

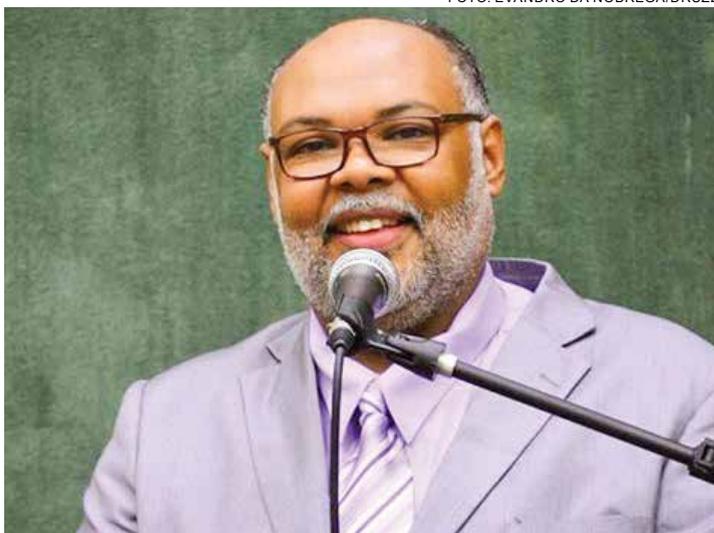
O historiador aponta as inspirações sociais do intelectual caririzeiro e as variações a partir de sua militância estudantil em João Pessoa, ora simpatizante do interventor

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



“A Genialidade do Soldado 6362”: Iêda Lima escreve sobre a vida militar de Félix Araújo, chegando a dicotomizar as angústias do poeta paraibano com as do romancista russo Dostoiévski

FOTO: EVANDRO DA NÓBREGA/DRUZZ



Para o professor José Mário, Félix, como orador, foi um gigante da retórica, tal a eloquência com que dominava a palavra, a emoção e as circunstâncias

Ruy Carneiro e tornando-se figura de destaque do 1º Congresso Paraibano de Estudantes, enriquecido o movimento com várias passeatas estudantis, numa época em que partidos estavam proibidos e Félix assumia, com sua oratória, a tribuna do movimento.

Em tempo de guerra, chamava a responsabilidade sobre nossos mortos na guerra. Isso dentro do espí- ➤

rito da esquerda que acreditava na guerra contra o nazifascismo, como uma revolução civil. Em sua partida para a guerra, conseguiu chamar, em carta, a atenção do jornalista Joel Silveira, que cunhou “homens como o pracinha Félix Araújo não podem ser vencidos”.

De volta da guerra, Félix aparece de lenço vermelho ao pescoço. Daí, seu passo como candidato do PCB, quando o historiador o situa em poder de disputa para deputado federal, com apenas 786 votos, em 1945; e 1516 votos, para deputado estadual em 1947, sendo o segundo mais votado, ficando na suplência. José Octávio conclui que Félix não era um marxista, mas um humanista de esquerda.

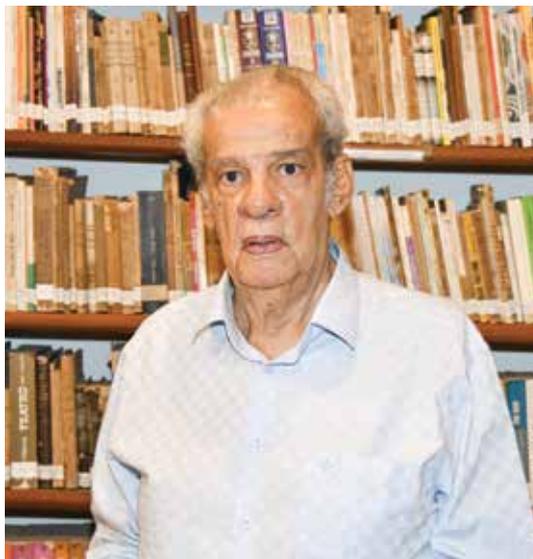
O acadêmico da ALCG Jurani Clementino abre seu ensaio-crônica sob o título “Félix Araújo – poesia, esperança e desilusão”, narrando “o começo do fim”, numa linguagem despojada, embora com apoio de literatura pertinente, quando faz contextualização de sua morte com a de outros políticos, como a do presidente João Pessoa e o atentado a Tarcísio Buriti. Escolhendo as cartas de Félix enviadas da Itália, destaca, no fim, em “O poeta e sua mãe”, o lírico, na maneira simples como escrevia para sua mãe; o que seria um esboço de literatura de exílio.

O confrade Jurani Clementino, profundo sentidor (e não mero conhecedor) da realidade e da lírica sertanejas, ensaia uma narrativa de cronicário, em que predomina o seu estilo lírico, mas também o discurso analítico denunciador, seguindo a leitura que fez do mestre Faustino Teatino, em sua dissertação, anteriormente citada.

Da ALCG, capitaneada hoje pelo acadêmico Thélío Farias, seguem-se contribuições das novas gerações, como o texto sintético e analítico de outra acadêmica Valéria Vanda. Embora apresentem algumas contextualizações, variam o foco de comentários a provocar pesquisas ou leituras novas, a partir das visões do que se colhe à flor da História e da Crítica Literária. Os coordenadores pretenderam expandir a coletânea com o intuito de alcançar um público maior e diversificado, abrindo espaço para análises feitas no passado, enriquecendo a obra com fotos importantes e raras do personagem.

Mas antes de chegarmos ao talen-

FOTO: EDSON MATOSIA UNIÃO



Em seu texto, José Octávio de Arruda Melo busca rastrear os passos do Félix Araújo esquerdista na capital paraibana, onde foi hóspede de políticos comunistas

to do precocemente partido, Rômulo, voltemos à leitura de outro grande sociólogo, gestado desde a infância na Meca que ele e Félix Araújo escolheram. Num brilhante e curto ensaio, Noaldo Ribeiro, trazendo Drummond de abre-alas, provoca leitores ao remexer, no fundo do baú “feliciano”, sua Carta à Juventude do Mundo. Trata-se de um momento crítico (aqui, no sentido mesmo de crise existencial) do poeta e cronista que se tornará político posteriormente, em que Félix Araújo, diante da guerra, com a morte de milhares de jovens, desvia sua crítica para a organização do combate. Importante a revelação desse momento psicológico e não político-ideológico. Fecha seu ensaio, sintetizando o pensamento do homenageado: o que escolher entre a utopia e a barbárie, entre a guerra dos governos e a paz dos povos?

Do imortal Rômulo Araújo, a coletânea publica seu discurso analítico e panegírico, trazendo uma introdução do sobrinho-neto de Félix Araújo, o professor universitário Mário Araújo filho, comentando rapidamente a trajetória político-partidária de Félix Araújo, a ponto de nos deixar querendo mais deste habilidoso engenheiro e atento observador crítico de nossa política.

Pois bem, voltando a Rômulo de Araújo, “Liberdade e Radicalidade

Democrática em Félix Araújo”, pontifica o sociólogo e advogado que Félix Araújo foi quem primeiro teorizou a prática da frente democrática, a compreensão do trabalho como demiurgo da vida e seu conceito de arte subordinado ao social. Lembra o comentarista que se deve olhar Félix Araújo dentro do quadro da ditadura varguista até a partida pra guerra .

O seu conceito de frente democrática vai levar o ativista Félix Araújo a se chocar com seu partido, o PCB, que não passava de corria de transmissão do comitê central. Félix Araújo não viveu a teoria política, mas sim a prática política em sua curta existência. Seu partido era o povo, para quem teve as últimas frases, ferido. Sua visão já estava mesclada ao papel de febianos, em seu discurso cuja tarefa fora a de levar do Brasil a contribuição para a vitória da democracia e da justiça social.

De parabéns a sociedade paraibana pela comemoração do centenário da passagem de um cometa político, o vibrante e inflamado Félix de Souza Araújo! ✦

Josemir Camilo de Melo é PhD em História pela UFPE; sócio do IHGP e membro da Academia de Letras de Campina Grande.



'Engenho Arretado'

No dia 27 de abril, o Manga Rosa Art Bar se fez palco para o lançamento do livro *Engenho Arretado: Poesia Paraibana do Século 21*, da Editora Patuá, organizado por Amador Ribeiro Neto. Muita gente da cena literária paraibana, entre escritoras/es, professoras/es, além de amigas/os e familiares, prestigiou o evento. Foi bonita a festa, pá! Tanto pela quantidade de pessoas presentes, quanto pela música de Renan Rezende e Luís Umberto (flauta e violão) que embalou a gente num som de beleza e qualidade inquestionáveis. E, para alegria imensa do organizador, o livro teve a sua primeira edição esgotada nesse dia de lançamento.

Pelo subtítulo, já se entende que se trata de uma antologia da poesia paraibana contemporânea. E ao dedicá-la a Augusto dos Anjos e Sérgio de

Castro Pinto, Amador homenageia dois poetas paraibanos de um tempo que soma mais de um século de poesia. Em sua fala durante o lançamento, Amador reafirmou esse reconhecimento ao se referir a Sérgio como o poeta paraibano mais importante depois de Augusto dos Anjos, além de anunciar ao público o significativo papel da poesia de Sérgio, como norteadora, ou seja, como a principal referência para a seleção dos poemas que compõem a antologia.

Só em ler o prefácio, o sumário e folhear o volume de 362 páginas, podemos constatar que

estamos diante de uma obra, cuja importância se potencializa em nós professoras/es de literatura, dados o caráter historiográfico, bem como a atualidade/temporalidade. Por isso, não tenho dúvidas de que *Engenho Arretado* deve ocupar, o mais rápido possível, as estantes das bibliotecas de nossas escolas públicas estaduais e municipais, para que professoras/es e estudantes possam conhecer uma gama expressiva da poesia paraibana produzida nos dias de hoje; lê-la e discuti-la no seio do ambiente escolar.

Quanto ao organizador, gostaria de destacar que Amador Ribeiro Neto é o paulista mais paraibano que conheço. Até onde eu sei, ele escolheu a Paraíba, mais especialmente a cidade de João Pessoa, como lugar para morar e amar, ou seja, para vivenciar o seu sentimento de pertencimento. Tanto o é que, em 2017, a Câmara Municipal de João Pessoa reconheceu esse "pertencer" ao lhe atribuir o título de "cidadão pessoense". Tudo isso explica, em alguma medida, o seu interesse e a sua dedicação à leitura crítica da literatura aqui produzida. Leitura essa que segue um movimento de leitor, que também é poeta e professor de literatura. Sua postura assumidamente criteriosa, a meu ver, deve-se, também, a esse movimento de leitor e se revela, por exemplo, nas atividades acadêmicas desenvolvidas na UFPB, onde ingressou como professor em 1991, e nos ensaios que publica aqui, no *Correio das Artes*, e nos sites Musa Rara e Augusta Poesia, no caderno Ilustrada da Folha de São Paulo.

Muito provavelmente, Amador seja o maior leitor da poesia paraibana atualmente. Isso pode ser conferido no prefácio ao *Engenho Arretado*, onde ele apresenta números, critérios e métodos utilizados para seleção de poemas/poetas. Com a sua autorização, reproduzimos esse prefácio a seguir e, para efeito de ilustração da poesia paraibana de autoria feminina nos dias de hoje, escolhemos três poemas/poetas que compõem a antologia e compartilhamos com a leitora e o leitor desta coluna. ▶

ILUSTRAÇÃO: REPRODUÇÃO



Capa de 'Engenho Arretado', antologia da poesia paraibana contemporânea



Lançamento do 'Engenho Arretado' no Manga Rosa, em João Pessoa: gente da cena literária da cidade se encontrou para prestigiar obra que reúne a nova geração de poetas da Paraíba

▶ POESIA PARAIBANA DO SÉCULO 21

(Prefácio a 'Engenho Arretado')

Meses antes da pandemia da COVID 19 se instalar em nossas vidas, esta antologia estava com os poemas praticamente selecionados. O convite fora feito a poetas paraibanos/as – ou a quem residisse no estado há mais de dois anos. Requisito único: publicação em livro de poesia, pela primeira vez, a partir do ano 2000.

Assim, Engenho Arretado: poesia paraibana do século 21 é uma antologia paraibana de poetas que estreiam em livro no século 21.

Apresentamos a proposta ao Eduardo Lacerda, editor da Patuá, que conhece de perto a cena paraibana e vem publicando diversos títulos de poetas daqui. Com muita boa vontade e simpatia abriu os braços e acolheu o projeto imediatamente.

O ano era de 2018. Divulgação feita, prazos concluídos, poemas recebidos, iniciei a leitura e seleção de inúmeros originais. Tudo ia muito bem, até que adoeci durante boa parte do ano de 2019.

Entre abril e junho de 2020, com os poemas selecionados, voltei a manter contato com os poetas. Passados mais de um ano, supus que além de revisar os poemas e a biografia, os/as poetas selecionados/as talvez quisessem substituir alguns ou todos os poemas. Dito e feito:

revisaram e substituíram-nos, como lhes pareceu melhor.

Agora já estávamos na pandemia. O isolamento impunha-se como regra geral. Eu, com todo o material novamente em mãos, minha saúde, mais uma vez (não era COVID), voltou a estraçalhar-me o ritmo de trabalho.

Em janeiro de 2021, retomei o contato com os poetas. Pedi-lhes que atualizassem os dados biográficos e, em alguns casos de atraso, que concluíssem a revisão de seus poemas. Interrupção após interrupção, a antologia ficara, finalmente, pronta no final do ano. Antes, tivera o cuidado de conferir junto ao editor se a carta branca para a publicação continuava

de pé. Nada mudara, me garantira ele. Nem a pandemia, nem a crise econômica gerada pelo desgoverno do absurdo governo federal, nem o preço astronômico do papel, das tintas, da impressão – nem a inflação de dois dígitos desencorajavam nosso editor. Avante!



Amador Ribeiro, organizador da obra (de camisa azul, sentado): possivelmente o maior leitor da poesia paraibana atualmente

Engenho Arretado: poesia paraibana do século 21. A antologia abraça poetas dos quatro cantos da Paraíba: sertão, alto sertão, cariri, brejo, litoral. De dentro e fora do estado. Até do exterior. Há poesia com linguagem arrojada à mais tradicional e popular. Os temas correm dos amorosos aos religiosos, políticos, sociais, eróticos, de gênero, memorialistas, feministas – dentre outros. As formas variam do cordel ao, aforisma, poesia em prosa, soneto, terceto, quadra, poema piada, poema visual – o escambau.

Nenhum limite foi feito às e aos poetas, bem como nenhuma restrição observada à hora da seleção, quer de ordem ideológica ou estética ou outra qualquer. Antes: buscou-se a pluralidade e a diversidade que espelhassem a riqueza da cena da poesia paraibana contemporânea.

Uma poesia reconhecida nacionalmente por sua efervescência produtiva, que se reflete, por exemplo, em eventos, como saraus literários, lítero-musicais e teatrais.

Entre as poetas da antologia, há duas que são editoras de livros. Outros/as coordenam blogues, sites, revistas literárias, programas de YouTube, assinam colunas em jornais impressos diários e/ou suplementos literários (o estado possui um dos mais antigos em circulação do país, o Correio das Artes), dentre tantos outros meios de produção literária do estado e do país.

O título da antologia destaca a engenhosidade da arretada nova poesia paraibana, mas não deixa de ser também uma homenagem a Zé Lins do Rego, grande contador de histórias que nasceu numa fazenda de engenho da Paraíba e valeu-se dele na literatura, assim como João

Cabral e tantos outros. Nossa antologia quer o engenho historicizado, sim, resignificado, também, e intertextualizado, sempre, com Camões, por exemplo, cantando e espalhando “por toda parte se a tanto me ajudar engenho e arte”. É o que nos mostra cada poeta aqui presente com sua arte arretada – palavra nordestina, quiçá paraibana, pra arquitetar o engenho e a poesia ainda mais particulares, portanto, mais universais.

Para esta antologia tivemos quase trezentos/as poetas inscritos (297), mais de quatro mil poemas recebidos

(4.223). Aqui está o livro com seus 49 (quarente e nove) poetas, em ordem alfabética. Poetas com a vibe da poesia do século 21.

Ao final do volume há uma minibiografia com dados biointelectuais de cada poeta participante, fechando com e-mail de cada um/a, o que abre espaço para possíveis diálogos poéticos com o leitor.

Enfim, uma mostra da poesia pa-

raibana com sua graça, garra e gana.

Desejo-lhe, leitor, boa leitura. Com a mesma felicidade que tomou conta de mim quando tive a ideia do projeto. Com a alegria que o desenvolvi. Com o ânimo que o entrego à Patuá, confiante na poesia paraibana do século 21.

joão pessoa, junho de 2022

viva são joão!

amador ribeiro neto ✦

ALINE CARDOSO

Âmago

Ensina-me a proporção áurea
Do caos em teus lábios.
Afia tua língua entredentes
Ataca-me os flancos.
Eriça-me
Palavras cristalizadas
Esquece-me
Entre tuas pernas.

MOAMA MARQUES

Segredo

da concha
do seu ventre
ecoa

em ponteio

a onda do meu beijo
ao tímpano do seu sexo

RENÁLIDE CARVALHO

Paulo Bandeira e Manuel Leminski

Paulo Bandeira e Manuel Leminski
encontram-se no orum
fazem furdunço
batuque
turutumtum
e tanta poesia bonita
que Oxalá fica mortinho de inveja
e quer refazer a terra.

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

Anna Beatriz O

quando escrever é angustiar

com a ponta do lápis frágil
a palavra se faz hera
e a angústia é semeada em meu campo de belezas
inefáveis:
se afago o rancor
é para afogar na poética
adornada de dor

porque a poesia é para desvendar
tudo aquilo que eu não sinto
mas consigo despertar

de rima em rima
(des)encontro-me um pouco mais

minha escrita é minha sina
e por vezes
eficaz

meia noite

contrariando as leis dos homens
e desafiando as leis da natureza
faço de cada gota, a última
do único sol, o mais cruel
de todo sentir, o racional

Vênus regozija
o júbilo eterno
daquilo que já foi
levando toda a vontade de potência

e sua outrora onisciência
era uma vez
uma mágoa que amargava
quando não havia mais nada

um belo dia
transformou-se em apatia
porque não mais importava

e de tanta letargia
clamou tanta atenção
que ganhou poemas
como saudação

01:05

no meio da noite
sou visitada por uma criatura
de aura obscura
com olhos semicerrados
e o lábio inferior rachado

ela apenas senta
me encara
calada
muito pensa
nada fala

um grande X marca
a cadeira assombrada
sob a janela quase fechada
e a criatura deformada

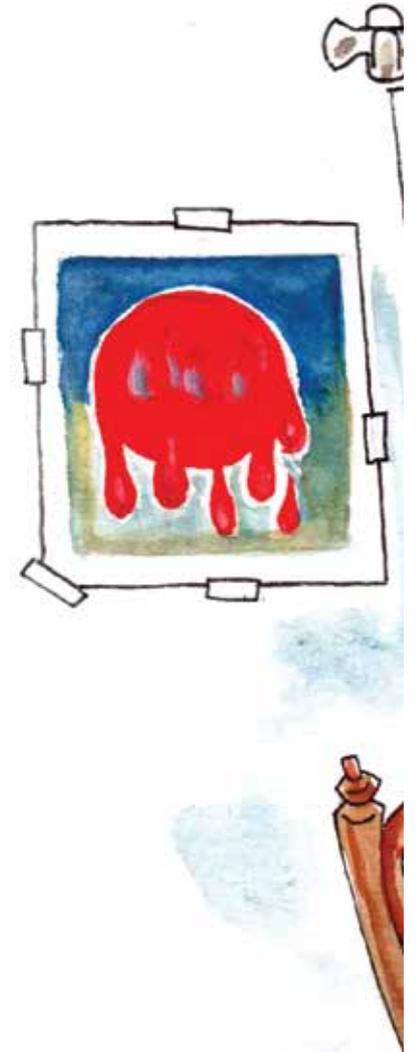
ela apenas senta
me encara
calada
muito pensa
nada fala

talvez ela tenha visto as fotos rasgadas
talvez ela tenha lido as cartas queimadas
mas por que não age
a curiosa criatura?

ela apenas senta
me encara
calada
muito pensa
nada fala

não consigo tocar
embora trema ao pensar
mais um espelho terei que estraçalhar
para, da estranha criatura,
me livrar

eu apenas sento
me encaro
calada
muito penso
nada falo.



de dentro para fora

descréditos me desacreditaram
meu grito mudo, eles ouviram
em frente, seguiram

embora minha psique insólita
me aguarde em minha dor
para me guardar em meu esplendor

porque se me levanto por ti
é porque caio em mim
e não consigo sair

Oliveira Tavares



ILUSTRAÇÃO: TONIO



Anna Beatriz Oliveira Tavares é graduanda em Letras Portugêses pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Contato: biaot.702@gmail.com; Instagram: [@annabeatrizot_](https://www.instagram.com/annabeatrizot_)

Hamilton Faria:

Como tudo aconteceu

Depoimento à Sérgio de Castro Pinto
Especial para o *Correio das Artes*

Quando cheguei ao mundo fui saudado por minha irmã Vitória de três anos de idade; ainda no berço ela improvisou um poema, olhando para minha irmã Maria da Glória.

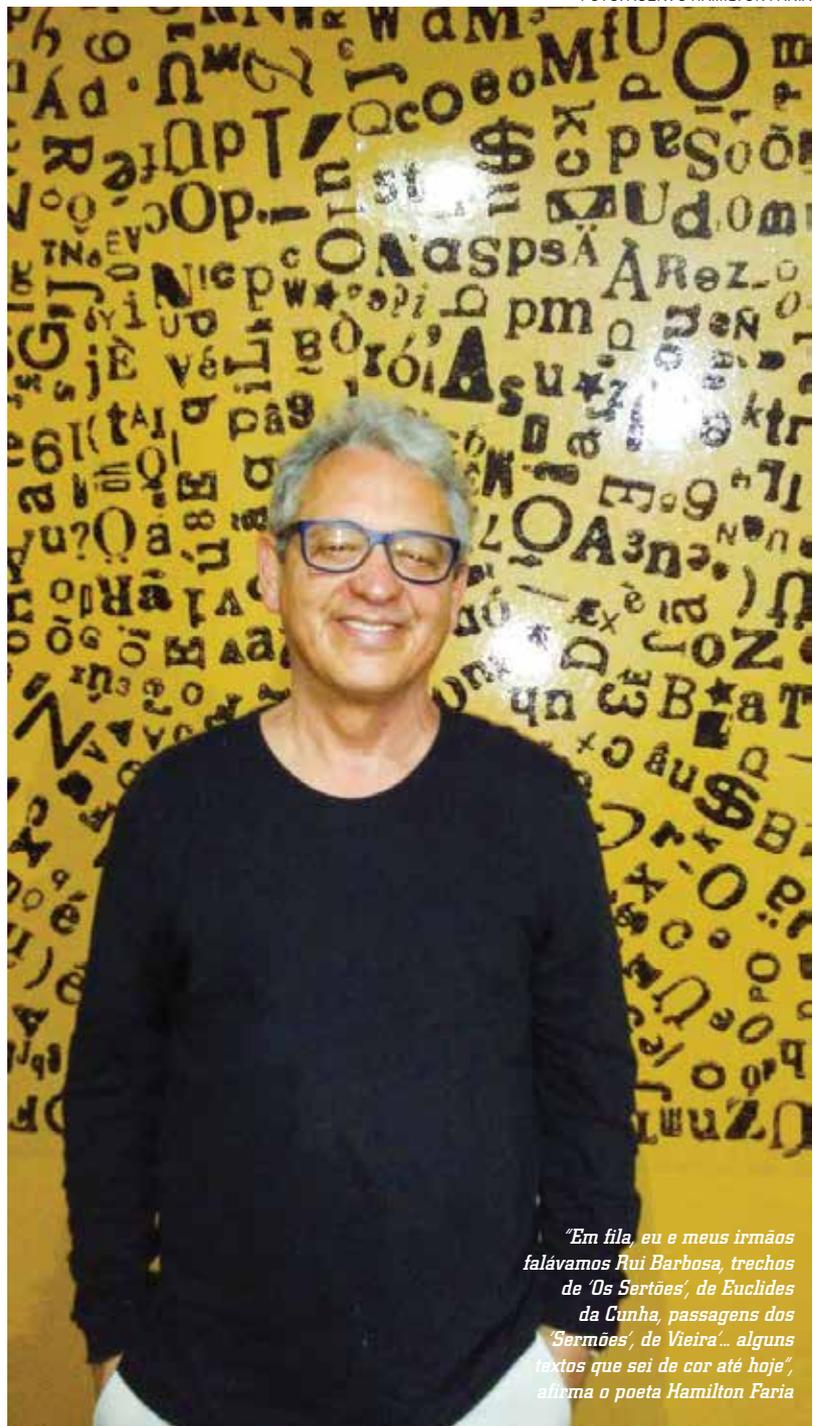
Esta lembrança me encanta e entenece.

Meu pai era um jornalista desobediente e íntegro, denunciava os “tubarões” que exploravam o povo; diretor de vários jornais, fazia editoriais quentes sobre a situação do país. Lá pelo anos 1930 foi preso por denunciar a Light que explorava ouro nas cercanias de Curitiba. Conta a história que teria convocado a população a não acender a luz em protesto e grande parte do povo atendeu. Era leitor da literatura portuguesa, principalmente Eça, Camilo e Herculano. Circulavam em casa também Vieira, Flaubert e Shakespeare, Rudyard Kipling e muitos autores brasileiros.

Orientou todos os filhos na leitura e na literatura. Fazíamos saraus em casa com piano e recitais, escolinhas, discursos, oratória etc. Minhas primeiras declamações foram em cima do muro, e o primeiro público foram os passantes da rua: os meninos, o verdureiro, o padeiro, os pobres, os bêbados, as senhoras fofoqueiras empilhadas nas janelas, o mecânico, os frequentadores de bares e pequenas vendas. Em fila, eu e meus irmãos falávamos Rui Barbosa, trechos de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, passagens dos *Sermões*, de Vieira... alguns textos que sei de cor até hoje.

Mãe era quintal, as árvores, os passarinhos, as músicas no tanque, boleros e guarânicas chamando o sono que a vida lhe roubava na lida

FOTO: ACERVO HAMILTON FARIA



“Em fila, eu e meus irmãos falávamos Rui Barbosa, trechos de ‘Os Sertões’, de Euclides da Cunha, passagens dos ‘Sermões’, de Vieira... alguns textos que sei de cor até hoje”, afirma o poeta Hamilton Faria

▶ diária, cuidando de uma casa com seis filhos e recursos limitados. Certa vez, disse: “Meus filhos aprenderam com poetas, pobres e passarinhos.” Mãe tinha origem caíçara, negros, índios de herança; pai descendia de português, de várias gerações. Mãe era trabalho, sonho e música.

Mãe era quintal, pai, palavra. Não é assim a poesia? Desde a infância criei um mundo imaginal com palavras, frutas e bichos. A pitangueira foi a minha primeira namorada, lembro do porquinho da Índia de Bandeira. A poesia retirou os espinhos de uma dura passagem também marcada por perdas e sofrimento, com a doença e perda do pai, o sofrimento da mãe, a morte da minha ninhada de gatos.

Eu tinha uma relação quase humana com a pitangueira: ciúmes dos meus irmãos, contemplação apaixonada, acompanhamento das estações. Recolhia-me no meu mundo a criar um mundus imaginalis cheio de maravilhamento e beleza.

Acho que a minha educação foi talhada na poesia da vida e na transformação da vida em poema, captando a estética na respiração diária e na contemplação da passagem do tempo. O meu primeiro poema foi um soneto para minha mãe: escrevi dois quartetos; os tercetos estão por aí, etéreos, ainda por compor uma poesia completa. Assim como a vida.

“O TEMPO ME EDUCOU PELA PALAVRA”

Ainda adolescente participava da sociedade literária do Colégio Militar de Curitiba, fazia discursos, ganhava concursos literários, fui diretor da revista, orador da turma e do colégio, participava de programas de tv da cidade, falando poemas e textos.

Tínhamos um grupo de amigos que liam muito; nossa vida era um verdadeiro clube de leitura: Drummond, Moacyr Felix, Thiago de Mello, Ferreira Gullar, Neruda, Paulo Mendes Campos, Maiakovski e os poetas russos, Sartre, Carlos Heitor Cony, Walt Whitman, Fernando Mendes Vianna, uma pletera de outros escritores vão povoando a nossa formação poética.

A poeta Helena Kolody foi a minha referência, gostava do seu tom feminino, delicado, seu lirismo comedido, um sentido espiritual como Gabriela Mistral. Meu padrinho Hei-

tor Stokler era também poeta e distribuía seus poemas de mão em mão; eram bonitos os seus autos de Natal.

A poesia foi uma luz que acompanhou e orientou a vida e todas as escolhas, mesmo as políticas. Para mim, sempre foi importante a poesia da vida como vivência necessária para o fazer poético. E fundamental existir poeticamente para se chegar ao poema ou chamar a sua presença.

Depois veio um tempo duro durante a ditadura (militar), em que ética e estética dormiam e acordavam juntas; expressávamos a nossa necessidade de liberdade burilando palavras e poemas, muitos deles que caberiam melhor numa prosa política e num panfleto didático. Estávamos sob a respiração da contracultura, da geração mimeografo/poesia marginal e poesia de resistência. Mas o debate sobre linguagem e a lírica do poema não nos deixava submergir completamente neste cenário e buscávamos a estética da poesia.

Tive poemas censurados duran-

te a ditadura em jornais da grande imprensa, como *Tribuna da Imprensa* e *Folha de Londrina* e a ditadura acompanhou os meus escritos dos anos 1970 até meados dos anos 1980. E poemas publicados no *Estadão*, *Folha de São Paulo* e outros importantes jornais.

Durante a ditadura, fui preso e ganhei na prisão o prêmio que mais me honra intitulado “A Mãe visita o filho preso”. Aprendi que a poesia é uma laboriosa criação de linguagem, mas também expressa um sentido de ser e visões de mundo. Assim, apesar de Mallarmé, não acredito que a poesia se faça apenas com palavras. O poeta busca suas inspirações nos subterrâneos do mundo, no mais fundo da sua vida interior e nas estrelas distantes.

E VIERAM OS LIVROS...

A minha primeira publicação em livro individual foi em 1977, *Dia* ▶

IMAGEM: REPRODUÇÃO

HAMILTON FARIA ENCÂNTAROS



‘Encântaros’ foi lançado em 1994. “Para mim, sempre foi importante a poesia da vida como vivência necessária para o fazer poético”, afirma o autor

► *virá*. Eram cerca de dez poemas num envelope e tiragem pequena, de 500 exemplares, enviados para amigos, imprensa, o Brasil inteiro, outros países. Um resultado inesperado: muitas publicações em grandes jornais, imprensa alternativa, comentários acadêmicos, antologias no Brasil e exterior.

A primeira vez que fui publicado num jornal de grande circulação foi numa página do poeta Domingos Pelegrini, na *Folha de Londrina* – era uma página inteira – e eu fiquei tão emocionado que comprei todos os jornais da banca para distribuir entre amigos e familiares.

Gostei muito de publicar, era um teste de comunicação poética, balizava se você tinha jeito para coisa. Conheci amigos que desistiram da poesia por causa de críticas da imprensa e seguiram outros caminhos.

Hoje tenho 13 livros individuais e participei de mais de 30 antologias, no Brasil, em outros países, nas bienais, tenho livros distribuídos em bibliotecas em São Paulo, Paraná e outros estados do Brasil e integrando autores de bienais, além de alguns prêmios literários; poemas que viraram música, inclusive em orquestra.

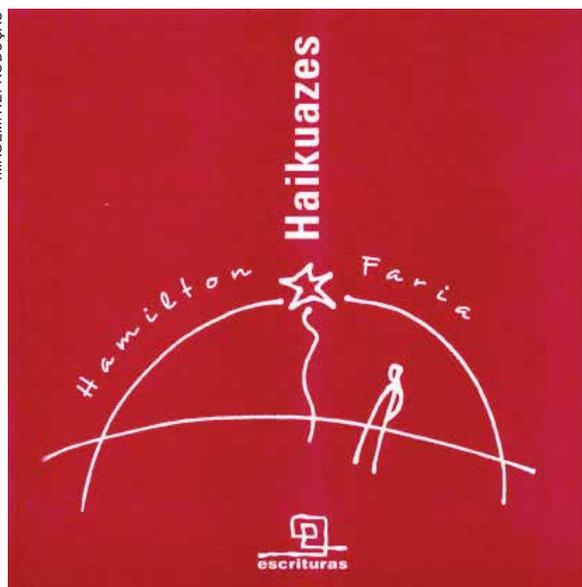
Recentemente, a partir de 2013, comecei a publicar alguns livros de bolso, a coleção Potlatch/pelo reenactamento do mundo, com apoio de artistas, para distribuir e “esquecer” em locais públicos. Potlatch é o nome de uma cerimônia de doação dos indígenas norte-americanos. Porque não doar também poesia?

Acho que o livro merece mais que o miserável esquecimento nas livrarias, bibliotecas públicas e dos amigos. O livro precisa circular na vida diária, de mão em mão. Já fiz quatro edições destes livros, poemas densos, curtos, enxutos, a maioria com três ou quatro linhas: alguns chamo de “haikuazes”, quase haicais, sem a métrica japonesa, mas com o espírito do haikai, uma contemplação, aprendizado, observação poética da vida.

Quero que esta poesia de “mão em mão” possa me acompanhar até onde durar o fôlego, pois é das mais gratificantes das minhas comunicações com o mundo e com o meu próprio mundo interior. Assim publiquei *mínimoIMENSO*, *ínfimoINFINITO*, *miniMAIS* e *brevETERNO*. A coleção seguirá neste ano como outros títulos.

Em 2019, publiquei *Passarais*, pela

IMAGEM: REPRODUÇÃO



‘Haikuazes’: poeta faz “quase haicais”, sem a métrica japonesa, mas com o espírito do haikai

editora Espelho D’Alma, e *Todo Gato Diz Bom Dia*, pela Patuá, só para registrar os mais recentes.

Ainda tenho uma série de outros livros em andamento, alguns para este ano.

E A POESIA?

A poesia para mim é mais do que uma tessitura de linguagem, sempre achei isso, desde os anos 1970, quando criamos, eu e outros poetas a Editora Cooperativa de Escritores e polemizávamos com Paulo Leminski. Ela busca traduzir com as melhores palavras e construção linguística um estado de alma e visões de mundo, captando com nossas antenas o sensível da vida e da imaginação. As vezes o poeta consegue exaltar a palavra racionalmente e secar a sua alma poética. Mas a poesia precisa de um estado de liberdade e alargamento da subjetividade; também desregramento rimbaudiano. Para mim a poesia é pertencimento, conexão com o todo, chegar ao todo sem passar pelas partes. Não escrevo poemas quando quero, mas quando a poesia quer que eu escreva, meu compasso é outro, meu tempo é outro. O poeta inventa, revela um mundo, cria outro. Mas há diversas formas de criar, tenho poemas guardados há mais de 20 anos aguardando artesanatos, outros publico no dia, sai redondo, gritando por uma página. A poeta Helena Kolody dizia, o que concordo, para ela existiam poemas ovíparos e vivíparos, um precisa ser chocado, outro já nasce pronto para a vida. Confesso que

difícil definir poesia. Borges dizia que quando não perguntavam ele sabia, se perguntassem ele não sabia. Penso mais ou menos assim.

Quero registrar, finalmente, três experiências que considero relevantes, além das publicações e participação em saraus: os videopoemas, as lives de entrevistas e o Canal do Poetariado. São muitas lives e videopoemas que estão no Youtube. As redes têm sido grandes divulgadoras da minha criação. O Canal do Poetariado é uma das experiências mais relevantes com poesia. Divulga a vida e obra de poetas. Já está há mais de dois anos no ar com programas mensais, fazemos juntos, o poeta Cesar Augusto de Carvalho e eu.

E assim a poesia caminha, na criação e na cultura. Acredito que a poesia reencanta a palavra e a vida.

O POETA

O poeta não é um fingidor.

A poesia apresenta caminhos; o poeta obedece. O poeta inventa a poesia. A poesia inventa o poeta.

O poeta é criador e criatura; acolhe o verbo e se imensa. O poeta descobre na poesia a sua pequenez, e na palavra a sua grandeza criadora de mundos.

O poeta recebe a poesia e a entrega ao mundo. O poeta entrega a poesia e recebe o mundo. ►

ESTAÇÕES

poemas de hamilton faria
2ª edição



IMAGEM: REPRODUÇÃO

Apanhei a flor no jardim
Pensei- por um momento –
Que era minha

Segredo de poeta:
Errar o alvo
Onde não há meta

O mistério do ovo:
Quem nasceu antes
O muro ou o grafite?

Ao pisar a pedra
Deixa-me ser delicado
Como quem pertence

A minha fome de mim
Não se baste à frugal palavra
Sacie-me o mistério

Dá-me uma máscara, Pai,
Para suportar a dor do humano
E ainda rir atrás dos panos

Tarda e a vida me encanta
Tudo vale a pena
A imensa vida e a pequena

Muda

Seguir um fio de busca mesmo solitário
Sem carregar fantasma algum no itinerário

Crescer com o outro dentro e prosseguir
Com força ainda mais densa de existir

E nem domar a dor que não domou
Suar toda a beleza que inspirou

Sentir ternura santa àquele amor
Que além de não passar já me mudou

represas

agora te conheço neste beijo
no beijo represado do teu medo
tua ânsia de ser e o que te prende
o que te apaga o que te acende
o que te sol o que te solta o que te verde

assim:

amar além de ti o que te cabe
além do que se pensa que se sabe
não se cabe nem se sabe

Fotografia

A fotografia me olha de través desconfiada
Acusadora me pede alguma coisa do passado
Deixei os negativos secretamente guardados
E passei

Sem ter passado
A fotografia me pede as chaves do guardado
E negativamente respondo Secreto
Mas alguma coisa acusa de não ter passado

O passado me olha desconfiado e acusador
E exponho ao sol os negativos:

- passado luz que vem de dentro!
O passado queimou à luz do dia
E passa desconfiado da fotografia

origem

ainda não sei de que barro sou feito
sei que é de um minério quase deus
que me faz tão terra e mais estrela

Hamilton José Barreto de Faria nasceu em Curitiba, Paraná. Foi um dos fundadores da Editora Cooperativa dos Escritores (ECE) e publicou 13 livros individuais e participou de mais de 30 antologias, no Brasil e em outros países.

Pequeno conto

terapêutico-estrutural

E NEOLOGISTA

Francelino Soares

Especial para o *Correio das Artes*

O outro dia desses, eu me dirigi a uma dessas lojas que proliferam pela cidade, especializadas em produtos médicos.

Buscava algo que servisse para dar-me conforto aos pés que me vinham provocando incômodos por conta da presença hiperbólica das cavidades bípedes, ou até pela falta delas...

O balconista, creio que meio treinado, embora não me parecesse exímio falante do vernáculo, especialista que era no conhecimento dos produtos que a tal loja oferecia, soltou-me esse sábio, preciso e imediato diagnóstico:

– Já sei! O senhor está precisando de uma palmilha siliconizada com arco terapêutico!... Vou mostrar pra senhor...

Impressionou-me a arrumação vocabular usada na sentença que mostrava o quanto o atendente havia treinado para articular o diagnóstico do meu caso, como de resto, certamente, faria com outros clientes em situações diversas e propícias.

O resto do conto fica a critério da especulação de cada um, mormente dos que andam em busca de tais lojas ou, mais especificamente, procurando amenizar alguns desconfortos que o tempo lhes vai trazendo...

• • •

Que ninguém me queira imputar uma conotação de natureza política aos comentários seguintes, que os farei quanto ao uso da generalização semântica a que estão sendo submetidos certos vocábulos da nossa tão sofrida Língua Portuguesa, tida por Olavo Bilac como “última flor do Lácio inculca e bela!” e a que tanto

se devotaram Machado de Assis, Euclides da Cunha, Raul Pompeia e o nosso Augusto dos Anjos, entre dezenas de outros cultuados escritores brasileiros.

Evidentemente, já fica bem clara a nossa opção pelo respeito que mantemos às estruturas sintagmáticas de nossa língua, independentemente do apreço que temos pela sua característica evolutiva, qual seja tanto o advento formativo de novos signos (significantes + significados), como, igualmente, a fossilização de outros.

Em sendo assim, pode-se admitir a fossilização de certas palavras, como o advento de outras. O que se não pode mudar (característica de imutabilidade linguística) são as estruturas dos enunciados, seja no que concerne à morfologia, seja à sintaxe.

Sob o aspecto dos signos, é evidente que uns vão desaparecendo do nosso cotidiano, e outros vão surgindo; estes, porém, dentro de um processo o qual não poderá interferir nas chamadas normas morfossintáticas de uma língua.

Já sob o aspecto semântico de que falamos – fossilização ou advento de alguns termos – nada mais saudável de que ele seja evolutivo.

As normas gramaticais, por consequência, não assimilam as inovações, hoje tão em moda, das alterações genéricas: temos, no vernáculo, o masculino e o feminino, mas não, o neutro. Digamos que, física e/ou biologicamente, temos o **todos**, o **todas** e o **todes**, o que não pode ser incorporado à linguagem, como se está tornando habitual. Assim, teríamos que ter a liberdade de incorporar vocábulos como **aluno**, **aluna** e **alune**; **parento**, **parenta** e **parente**; **adulto**, **adulta** e **adulte**; **cliente**, **clienta** e **cliente**, bem como outros que seguiriam o mesmo viés.

Por outro lado, já que o problema não para por aí, ainda dentro do aspecto semântico dos signos, temos que aceitar – e isso é saudável – o advento de termos ainda não dicionarizados, como **empoderamento**, **reformamento**, **empobrecimento**, **reclamamento**, **publicizar** (**publicizado**) e semelhantes, mesmo em se navegando pela pobreza do uso de derivados prefixais/sufixais e/ou até parassintéticos. E que tal essa “pérola” usada por um desses apresentadores: [Com relação ao processo de vacinação em massa,] “tem-se que examinar a eficácia e a “curácia” dessas vacinas”. Certamente, da próxima ele irá rever a terminologia e falar da eficiência e da “curência”... Deixa pra lá!...

Afinal os tempos e os costumes passam... Do contrário, ainda teríamos como obra de consulta o velho Dicionário da Língua Brasileira (*sic*), de Luis Maria da Silva Pinto, ed., Ouro Preto, 1832, ou os nossos festejados Lello Universal, Caldas Aulete, Aurélio, que cederam seus lugares, por exemplo, para Houaiss, Sacconi ou Silveira Bueno...

De qualquer forma, toda e qualquer inovação será bem-vinda, desde que não se adentre aos aspectos morfossintáticos da língua, o que nos levaria ao caos ou até a uma zorra (oppsss!) total. ✖

Francelino Soares é professor aposentado pela UFPB (CCHLA/DLCV) e autor de obras memorialísticas e em nível didático. Também é colunista dos jornais *A União*, onde escreve sobre música, e no *Gazeta do Alto Piranhas* (Cajazeiras). Como memorialista, seu livro mais recente é *Portal da Memória - Um Passeio Pelo Passado de Cajazeiras* (Ed. Arriboção-2020)



O tempo

Jesuino André de Oliveira

Especial para o *Correio das Artes*

Há sempre novidades nas manhãs em Miramar. Estava sentando no meio-fio da calçada, com a companhia de Nega Preta, pensando amenidades. Eu meditava sobre o tempo da vida e ela, provavelmente com seus instintos de caçadora, numa presa.

Depois de Einstein e Böhr deixamos de ser tempo para ser energia.

Um sujeito de bicicleta cruzou veloz na esquina e pedalando perguntou:

- Que horas são, meu patrão?
- Estou sem relógio!
- Já é oito horas?
- Não. Deve ser seis e meia.

Sumiu de vista desorientado no tempo. Guga sempre me dizia que o tempo não passa e quem passa somos nós. Esse fenômeno na juventude é aventura. Na meia-idade uma angústia.

Nesse mesmo “espaço de tempo”, como se diz por aí, um casal caminhou na calçada oposta. Fiquei impressionado pois carregavam

sacolas de frutas e verduras, mas estavam vestidos para uma caminhada. Combinavam em tudo: ele de bermuda preta e camisa cinza e ela saia preta e camisa idêntica. Passo a passo, unidos pelo tempo.

Quando dobraram a esquina a cena mudou. Surgiu na rua um homem alto, magro e barbudo. Carregava dois sacos plásticos enormes cheios de material reciclável. Ele vasculhava minuciosamente, usando um par de luvas gastas, o lixo de uma caçamba o que lhe fosse proveitoso. Aqui o tempo é vida.

Esse movimento da existência humana com suas várias facetas nunca acabará.

O tempo é presente, em múltiplos sentidos.

Jesuino André de Oliveira nasceu no interior da Bahia e mora em João Pessoa (PB) desde os anos 1980. É redator-publicitário, produtor cultural e editor do podcast *MeuSons*. Publica suas crônicas no Instagram @jesuinooliveira.

Analice Uchôa: o vinco da arte NAS DOBRAS DA REALIDADE

Márcio de Lima Dantas
Especial para o *Correio das Artes*

Se acaso me tivessem dado o jugo e o poder de apontar a obra de um pintor naíf como um dos mais importantes das terras nordestinas, lembraria, sem hesitar, o nome da paraibana Analice Uchôa (Campina Grande, 1948). Não desmerecendo quem quer que seja, haja vista que o Nordeste detém uma seara fértil e sempre possibilitadora de oferecer segas com fartas colheitas.

Como todo naíf, ela engendra uma linguagem extremamente particular, eivada de uma profusão de artifícios que são extraídos de uma necessidade íntima. Quem sabe, isso pode explicar o autodidatismo dessa tradição pictórica, que sempre seguiu e dialogou com o que ficou conhecido como arte acadêmica ou os estilos históricos, com suas particularidades, ansiados por circunstâncias inerentes a cada época, ou seja, pelo Ar do Tempo, espécie de aura constelada por imagens e símbolos, consoante o *modus vivendi* inerentes às formas de viver, sentir e representar.

Com efeito, a artista é detentora de uma dicção pictórica muito singular, mesmo se a contemplarmos no conjunto dos naífs, outorgando à tradição de representar ingênua ou primitiva um condão que faz jorrar uma espécie de elixir, ordenando-nos a ser cientes das tempestades emocionais impostas pela Sra. Vida. Sem embargo, nos presenteia, por seu turno, com a possibilidade de contemplar essa pintura chapada, sem nenhuma pretensão de manuseio da perspectiva, nunca buscando traços faciais ou de delinear figuras. Quero dizer que há uma espécie de apagamento ou ausência dos rostos, apenas corpos que remetem a índices evocadores de que essa ou tal figura é um ser humano. Por isso, bom remarcar um dos componentes primaciais dessa pintura, a saber: a cor preta funciona como elemento neutro, sendo recorrente em quase todas as telas, para fazer, à guisa de corpo. Então, o resto da figura é delineado por ▶



FOTO: EDSON MATOS/A UNIÃO

Campinense Analice Uchôa e dois de seus quadros: artista é detentora de uma dicção pictórica muito singular

► meio do uso de cores vivas e puras, numa festa para os sentidos.

Tenho para mim que haverá de buscar as razões pelas quais essas obsessões de negar o rosto humano aparece de maneira ostensiva em uma pintura autodidata e sem remeter às tradições iniciadas pelo Impressionismo, Expressionismo, Fauvismo, Cubismo, e que vai atingir o seu fastígio com o Abstracionismo. Todos esses estilos históricos sofreram o impacto da invenção da fotografia e do cinema, artes capazes de retratar o humano e sua dinâmica em sociedade, bem como a paisagem do final do século 19 e 20, na qual os indivíduos perdem o contorno que os faziam distintos uns dos outros e mergulham no anonimato das turbas das grandes cidades ou daquelas com tons mais cosmopolitas.

Mas vejam, nem só de macroestruturas os homens vivem, - e a arte não se cansa de refletir -, mas de toda uma sorte de matizes subjetivos que contemplam as maneiras de travar relacionamentos interpessoais, familiares, amorosos, ou melhor, tudo o que diz respeito ao compasso do dia a dia, no qual vigora uma espécie de prova dos nove, pois há que se submeter e dar respostas muitas, e um tanto de atribuições, nos quais, muitas vezes, não temos a devida compreensão, e muito menos solução ou refutação. É como se não tivéssemos recebido a esperada carta emitida pelas forças do destino. Sendo assim, nos quedamos em hiatos ou no vácuo de sempre. Quer queiramos ou não, parece ser assim que a sintaxe do existir impõe seu número.

Voltando à arte de Analice Uchôa. É perceptível em suas telas uma necessidade de preencher todo o espaço do quadro. Vamos chamar aqui de *horror vacui*, evocadoras de subjetividades com temperamento voluntarioso ou obstinado, teimando em não organizar acordos subservientes ou uma adesão incondicional a uma presença no mundo. Prefiro reter essa metáfora, na medida em que o expresso nas telas reflete um hieratismo estóico ou uma permanente festa dos sentidos.

A pintora nos presenteia com o sumo que escorre de uma obra clamando por possíveis encantos, que nossas experiências subjetivas ou a chamada realidade pode nos ofertar. Líquido advindo de uma alma ancha de estar sob a luz do sol, escandindo



IMAGEM: ACERVO ANALICE UCHÔA

os dias por meio de manobras interiores ou artifícios necessários para se obter nacos de tranquilidade. É preciso lembrar que nem todo afluente lança suas plácidas águas para o largo estuário no qual uns e outros, o que conhecemos por maioria, escorre para o mar. É como se o “realitas” (tudo o que existe), antípoda da “imaginação” ou “faz de conta”, pudesse conviver sem grandes interferências, paralelos, sendo que o segundo é que a arte propõe.

Quero dizer com isso do convite a uma organização interior por meio da arte, consabido é da capacidade desta de circunscrever uma outra realidade, paralela ao perímetro do que fomos habituados a chamar de tempo e espaço, no qual os seis sentidos conhecidos apalpam nosso íntimo, para podermos saber o que sensações nos causa um estar no mundo.

Rompendo as tramas nossas, aprisionadoras ao *sansara*, a que estamos ligados por uma espécie de costume ou vício, habituados desde que o mundo é mundo, desde que somos amarrados às rédeas da linguagem, impostos desde a primeira luz que nos ofusca no nascimento. Esta, menos dizer, com sua tirania (Roland Barthes), nos impõe o dizer, desencadeando determinados comportamentos. Só através de mui-

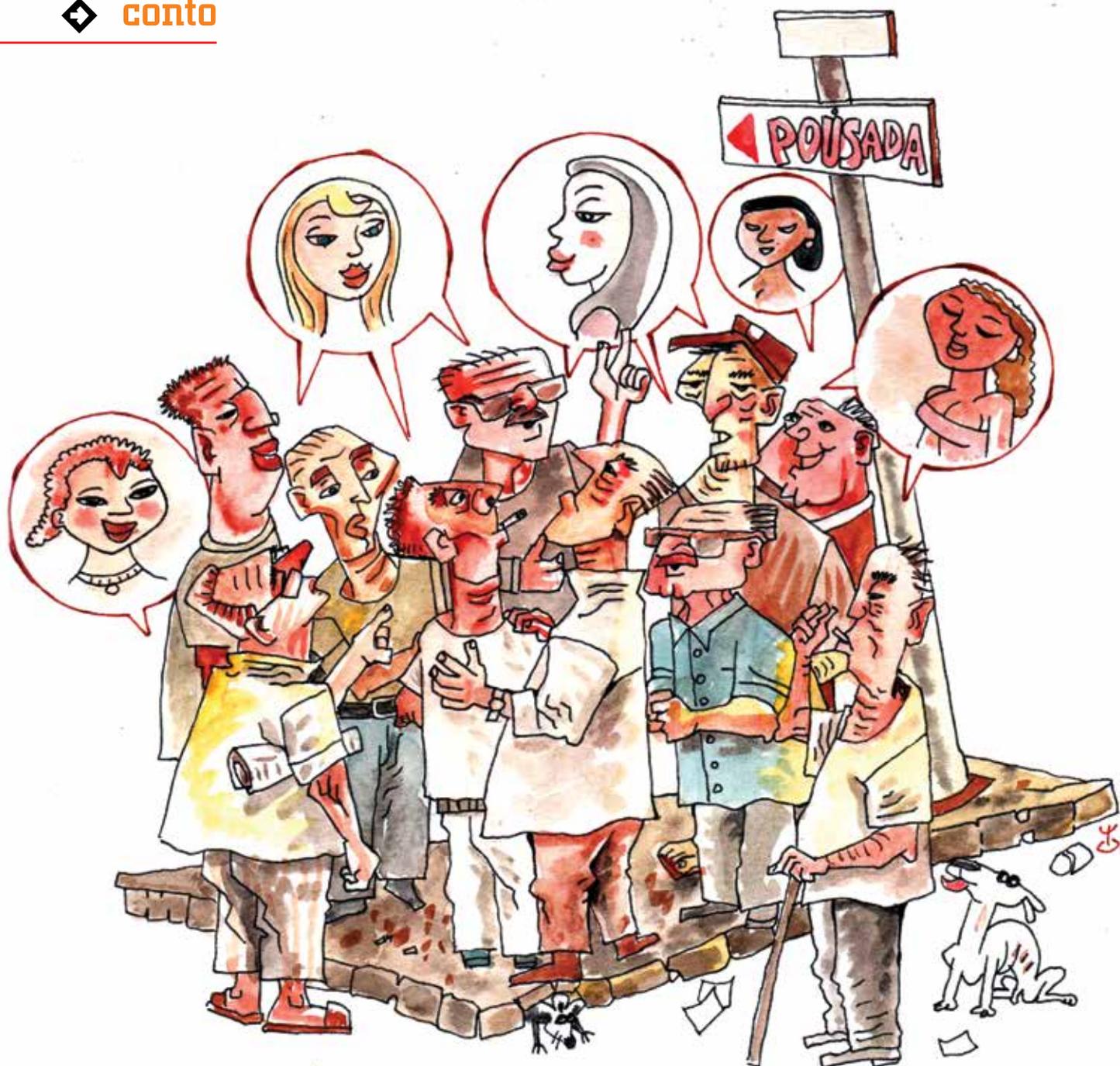
Para especialista, arte de Analice Uchôa é marcada por uma pintura chapada, sem nenhuma pretensão de manuseio da perspectiva, nunca buscando traços faciais ou de delinear figuras

to esforço, por meio da vontade, é que conseguimos romper essas correntes.

Só mais uma coisa, para encerrar essa digressão que a requintada pintura de Analice Uchôa evocou-me. Eis a anterioridade nossa, o que nos faz sujeito, mas também nos a-sujeita, irmanados por uma gramática que, logo que tomamos consciência, podemos aqui escorregar e prosseguir no coro dos que salmodiam as sílabas daquilo que indigitaram como normal.

Mesmo assim, existem as frestas e locais onde podemos forçar entradas para alargar a vera dimensão de mesmo, lugares nos quais havemos de encontrar o que nos identifica, o que nos representa, o que nos imprime prêmio e valia, o que espelha e nos retrata. Por fim, vale sempre repetir: os que detém a aptidão da arte e a faz ofício ou aqueles contempladores e apreciadores, resguardam uma outra dimensão, deixando a realidade um tanto distante, e nos abrindo as portas para as salas mais confortáveis do nosso ser. ❖

Márcio Lima é poeta, ensaísta, tradutor e professor de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mora e trabalha em Natal (RN).



Os senhores

Igor Ramalho

Especial para o *Correio das Artes*

Desço da viatura e vejo uns dez senhores em círculo na calçada, conversando, mal o sol saiu. A perícia foi chamada para averiguar uma morte na zona do baixo meretrício de João Pessoa, numa rua perto da Praça Pedro Américo, Centro. “Será que foi Tina?”, ouço um senhor questionar ao grupo, “Ou foi Marisa, aquela galeguinha que veio de Piancó?” “Eu aposto com qualquer um que foi a menina nova de Curitiba, Elisângela, de cabelo cacheado. Tenho certeza.” “Não sei. Só sei que, seja quem for, a carreira dela por aqui acabou...”

Após umas doses de uísque no restaurantezinho em que fora jantar, seu Tibúrcio paga a conta e vai caminhando até a Rua da Areia, nossa famosa “rua dos cabarés”. Quase meia-noite, escolhe o mais tranquilo, com pouca concorrência, e se acomoda numa mesa para espiar as meninas. Logo vê uma do agrado. Chama-a. Ela sai da mesa em que está com outras e vai até ele. Seu Tibúrcio lhe oferece bebida, quer que ela fique. “Só bebo se for vodca”, ela responde. “Pois pegue uma dose com refrigerante pra você e volte. Traga também um *Old Eight* sem gelo pra mim.” Conversa vai, conversa vem, mãos subindo, mãos descendo, beijinho aqui, beijinho ali, seu Tibúrcio propõe um programa, ir para alguma pousada. Vão de mãos dadas para uma ruazinha por trás do 1.º Batalhão da Polícia Militar, lá há opções.

A suíte em que o cadáver está é pequena. Mal iluminada, há apenas uma lâmpada incandescente pendurada num fio que desce do meio do teto. A luz amarelada e quente dá ao ambiente um certo ar de charme, única coisa que, ali, faz lembrar uma alcova para sexo. De resto, tudo é sujo, cheira a mofo, faz nojo encostar. Entro e, já em frente à porta, chuveiro e vaso sanitário estão separados da cama apenas por uma parede baixinha. “Vixe, que seboseira”, comento, “o banheiro não tem nem porta.” Por praxe pericial, levanto a tampa do vaso, e o que encontro não é nada bonito... Mesmo sem porta, um dos dois fez cocô antes do sexo – e não deu descarga, o que é pior. “Preciso fotografar isso?”, pergunta o técnico em perícia, dedos em pinça fechando o nariz. “Sim. Máquina digital não gasta filme. Tire o dedo da venta e fotografe.” Na lixeira, além de papéis usados, uma cartelinha de Cialis, estimulante masculino de grife. Dela, faltavam os comprimidos.

“Vou tomar banho, fica aí na cama me esperando”, pede seu Tibúrcio. Passava das 2 da madrugada quando, deitado de papo para cima, ele encarrega Vivian de dar movimento à coisa. Com esmero e, o mais importante, paciência, ela encaixa aquele pênis meio bambó em si e, pondo as mãos sobre o peitoral de seu Tibúrcio, começa o movimento. Primeiro, num ritmo mais cadenciado, lentinho. Aos poucos, ela intensifica, faz o cliente suspirar, suar pela testa. “Aí ele começou a suar muito, muito mesmo, a ficar vermelho, azul, roxo”, Vivian diz ao delegado, sentada numa cadeira de praia no quintal da pousada, copo de garapa na mão. “E foi ficando mais roxo, e mais, e

foi fazendo um barulho feio, e mais feio...”, descreve o horror em minúcias, não contém as lágrimas. “Você não teve culpa, Vivian, relaxe a cabeça”, acalenta uma amiga.

Nu. Só um relógio dourado no punho esquerdo. Aliás, outra peça lhe orna o corpo: uma camisinha veste o pênis. A dona da pousada é que chama a polícia: quer tudo esclarecido, que não parem dúvidas sobre a natureza daquela morte. Examinou o cadáver e nele não achou lesões aparentes. A face escurecida, cianótica, de fato chama a atenção, num tom do azul para o cinza. Os olhos estão arregalados, a boca aberta, a chapa frouxa, desencaixada, e a língua pálida e ressecada pende para a esquerda. Uma manchinha de baba está ao lado do rosto, no lençol do colchão. As roupas e a carteira com documentos e dinheiro ponho numa sacola e entrego ao delegado. “Aqui, provavelmente, foi uma morte natural”, informo, “o cidadão não aguentou o arrocho...”

Seu Tibúrcio tinha 68 anos e era motorista de ônibus aposentado. Casado, deixou esposa, três filhas e quatro netos. A esposa chega esbaforida na pousada, acompanhada de uma das filhas. Envergonhadas, recebem os pertences do falecido e – talvez até mais envergonhadas – o relato sobre como foi a morte. “Se ele vivesse dentro de casa não tinha morrido”, a filha diz, chateada, balançando negativamente a cabeça. Pelo celular, a esposa orienta alguém: “É o seguinte, não é pra dizer a ninguém que Tibúrcio morreu assim, com uma rapariga, dentro de um quarto de motel... É pra dizer que ele tava num bar, que teve um ataque e morreu num bar.”

Os senhores seguem na calçada, não se foram. Quando saio da pousada, um deles me aborda: “Doutor, me diga uma coisa, a menina que matou Tibúrcio era uma galeguinha de cabelo cacheado?” “Eu não vi a menina”, minto, “eu vim aqui pra ver o defunto.” “Agora lascou”, volta para o grupo, desolado, “como é que vamos saber quem foi a menina? Aqui tem velho mais velho que Tibúrcio, a gente não pode correr esses riscos...”

Vivian sai da pousada coberta por um lençol branco, parece um fantasma desses de festa, e, guiada por um agente, entra na viatura para ir embora. Dela, os senhores só veem os pés. ■

Igor Ramalho é perito criminal em João Pessoa há quase 19 anos. Há alguns anos, começou a transformar em crônicas as histórias a que tem acesso por conta do trabalho. Para não identificar envolvidos, muda nomes e, às vezes, locais, além de não citar datas.

A ficção de ser escritor



Não romantize sua 'vocação'. Não existe nada parecido com uma 'vida de escritor'. A única coisa importante é o que você deixa na página". Gosto muito desse conselho da Zadie Smith, que certa vez interceptei numa troca de mensagens entre os escritores Paulo Scott e Sérgio Rodrigues, no Twitter. Era uma resposta à indagação de um deles, que perguntava aos colegas ministrantes de oficina qual seria o "conselho preliminar definitivo" a seus alunos, nas primeiras aulas.

"Ninguém é obrigado a gostar daquilo que você escreve", dizia o próprio Scott, fazendo eco ao conterrâneo Daniel Galera numa matéria antiga do G1 em que autores, na Festa

Literária de Paraty, eram convidados a posar com cartazes, escrevendo ali conselhos de próprio punho aos novatos. "Nunca esqueça que não há evidência nenhuma de que alguém esteja minimamente interessado no que você tem a dizer", anotava o romancista de *Mãos de Cavalo* (2006).

Sérgio Rodrigues concordava com Zadie Smith. A frase é citada num outro post bastante interessante, uma espécie de decálogo com frases de outros escritores, tema recorrente do *Todo Prosa*, blog que Sérgio mantinha até uns anos atrás. Mostrei-o recentemente aos meus alunos em sala de aula. Alguns deles teimam em romantizar uma vocação que, no Brasil, ▶

A ficção de ser escritor, hoje em dia, atrai mais que a ideia de escrever e ser, de fato, um escritor, antes de poder acontecer tudo na sua vida (inclusive nada) em termos de carreira literária

FOTO: DOMINIQUE NABOKOV/DIVULGAÇÃO



"Não romantize sua 'vocação' (...) A única coisa importante é o que você deixa na página", aconselha a escritora Zadie Smith

FOTO: DIVULGAÇÃO/CIA. DAS LETRAS



Paulo Scott: "Ninguém é obrigado a gostar daquilo que você escreve"

◆ ao rés da página

▶ geralmente é sustentada por outra profissão: a de professor, essa vocação igualmente romantizada em todos os aspectos menos o monetário, num país em que, para a mentalidade mediana, como diria Sérgio, qualquer coisa próxima à ideia de viver de literatura está no limiar entre a baitolice e a vagabundagem.

Se estar escrevendo este texto de pijamas num quarto de hotel, depois de uma viagem de cinco horas de carro para o interior de Pernambuco, horas antes de ministrar uma oficina, não dá uma ideia suficientemente exata do tipo de *glamour* que, numa perspectiva até privilegiada, proporciona a vida de um escritor, uma história que Débora Ferraz me contou ilustra ainda melhor.

Era a turnê do *Enquanto Deus não está olhando* (2014) e Débora viajava para ministrar uma oficina em Piracicaba, no interior paulista. Por alguma falha na divulgação do evento ou porque, no final das contas, pouquíssima gente se interessa ou tem disposição para participar desse tipo de atividade

depois de um dia inteiro de trabalho, ninguém havia comparecido ao encontro e Débora ficou a falar com as paredes.

Em dado momento, resolveu passear pelo espaço cultural onde a oficina seria ministrada. No andar de baixo, notou uma aglomeração incomum. Invejou o número de pessoas reunidas ali para uma atividade da mesma natureza da dela, no final de um dia da semana, com pessoas supostamente cansadas mas, pelas expressões estampadas nos rostos, muito bem dispostas, discutindo o que parecia ser uma exposição de fotografia. Quando se aproximou das imagens, descobriu o tema da exposição: uma reunião de fotos de escritores em hotéis. Adiante, personificado, havia um deles: um ator, no papel de um escritor, transitando entre os presentes.

A história, que Débora conta melhor do que eu, e Italo Calvino provavelmente contaria melhor do que nós dois (porque parece mesmo algo saído da cabeça dele), mostra como a ficção de ser escritor,

hoje em dia, atrai mais que a ideia de escrever e ser, de fato, um escritor, antes de poder acontecer tudo na sua vida (inclusive nada) em termos de carreira literária.

Escrever é lidar com a ficção, no mais das vezes com a própria ficção de ser um escritor. Ler, por exemplo, é um exercício a que poucos se dão ao luxo, quando um escritor que não lê merece tanto respeito quanto um médico que tem pavor de gente ou um Coveiro que tem medo de defunto. Livros não devem ser encarados como meros totens narcísicos, monumentos erigidos em torno do ego de seus escritores. São instrumentos de trabalho, mas são mais que instrumentos de trabalho.

Eu poderia falar na educação, mas esse também é um tema pouco frequentado por escritores ou pretensos a tal, mesmo assumindo alguns deles o papel de professores. Voltemos apenas à imagem do ator fantasiado, transitando pela multidão. Ela também fala melhor sobre isso. Ela também fala melhor sobre isso tudo. ✖

Tiago Germano é autor da coletânea de contos "Catálogo de pequenas espécies" (2021, do romance "A Mulher Faminta" e do volume de crônicas "Demônios domésticos" (2017), indicado ao Jabuti. Seu novo romance, "O que pesa no Norte" (2022) está atualmente em pré-venda no site da editora Moinhos.

FOTO: ANDREA PIACQUADI/PEXELS



Escrever é lidar com a ficção, no mais das vezes com a própria ficção de ser um escritor



E a vida, como está?

José Edmilson Rodrigues

Especial para o *Correio das Artes*

Imerso no turbilhão das confusões da vida atual, pus-me a recordar, talvez como um impotente e relutante ato de nostálgica subversão, sobre um certo passado a que o vigor da juventude atravessara. Era meado do ano de 1989. A discussão que se desenrolava era sobre as duas Alemanhas: a Ocidental, o lado capitalista, e a Oriental, o lado socialista. Desnecessário entrar em complexos detalhamentos, posto que cedo o destino da segunda, abalada por uma forte crise econômica, em larga medida desencadeada pela decadência do bloco comunista, o que acabou por derrubar o Muro de Berlim, lastro musculoso de pedra que dividia as duas terras de irmãos. Foi-se o muro; deu-se a unificação. Era novembro daquele ano.

Roberto conversava com um grupo de amigos aos pés dos batentes da Faculdade de Direito sobre o assunto que tomava os horários dos rádios e tevês. Assim mesmo, no meio do rigor da conversa, alguns se distraem pela presença feminina, elegante, pisando forte, compassando os batentes, perna após perna. Era a acadêmica do último ano de Direito: Maria Clara de Andaluzia, mira do desejo de todo homem e o desafio

dos mais insolentes, embora não fosse de deixar brechas para certos Dons Juans.

Ela, Maria Clara, deslizava após os batentes, firme e de belas curvas, olhada e até invejada por outras mulheres. Tinha uma fala mansa, educada, persuasiva. Dona de uns olhos azuis cinzentos, hipnotizantes. Professora de Educação Básica em algumas das escolas públicas e prestes a se tornar Advogada.

Os que estavam fora do prédio da Faculdade entraram para o chamado das aulas. Roberto foi à sala aula de Direito Internacional, onde também se encontrava Maria Clara de Andaluzia. João Tertúlio, o professor da matéria em questão, simpático por natureza, de expressões e gestos facilitadores da assimilação dos conteúdos, sujeito de enorme erudição, conduzia com maestria a hora edificante da tessitura do conhecimento. E essa tessitura ultrapassa as paredes da sala de aula...

Tendo corrido o relógio, alguns vão ao bar em frente à Faculdade. Por vezes é capilar a fronteira entre um lugar e outro... Era sexta-feira. Quando aconteciam vários shows em barzinhos na cidade, muitos deles frequentados por estudantes, principalmente de Direito.

▶ Roberto se posiciona em uma mesa no canto esquerdo com quatro cadeiras. Ao lado, um quadro pendurado, que devia ser réplica de algum pintor de renome, encantadora, fez com que Roberto se demorasse em alheamento, decerto intrigado com o que a pintura lhe comunicara.

A música soa de maneira suave, compreensiva. O bar farto de clientes, pessoas que sorriam, se importando umas com o outras, interessante interação, lembra bem Roberto. A mesa já estava ocupada por amigos, todos bem animados. Entre uma conversa e outra, eles observam a criatura feminina, presença a exalar hormônios e promessas. Ali ao lado, nem tão distante, fronteira atravessável, com outras colegas trocando sorrisos e afabilidades, Maria Clara de Andaluzia. Roberto Lagarto, de sobrenome escamoso, réptil, encorajado por umas doses, vai até à mesa das garotas e puxa um papo da sala de aula. A conversa é desviada, toma outro rumo, mas o Lagarto é astuto e certeiro, tem língua para qualquer assunto. Inteira-se, interage e desenvolve. A conversa é longa. Chove e faz frio. É mesmo uma noite de construção de desejos...

Roberto, já meio receoso de perder o instante certo, dirige-se a Maria Clara e às amigas, convidando-as para irem a uma boate. Diante da recusa das damas, oferece-lhes carona. Uma das amigas, Joana Carolina, aceita. Maria Clara resolve também aceitar. Por trás do bar, após atravessada a rua, estava instalada uma Delegacia de Polícia, o que parecia deixar os frequentadores do ambiente festivo com alguma sensação de proteção. Era, ao menos, o que pensava Roberto.

Seguiram caminho. Próximo à casa da amiga Joana Carolina, o carro fora parado, subitamente, logo após um semáforo. Armas em punho, nervosos e violentos, dois sujeitos exigiam que Roberto e as garotas descessem do carro em silêncio.

- Calma, amigo, estamos colaborando!... Diz Roberto.

- Cale a boca, senão leva um teco, uma bala nos peitos! Grita um dos homens.

Todos colaboram com as ordens dos ladrões. Todos são roubados. Desde sempre, e todos os dias, é assim. A vileza e a violência da circunstância costuma deixar marcas. Tendo fim a experiência perversa, todos ainda atônitos e desconcertados, subtraídos seus pertences após um momento de

descontração e alegria, agradecem aos céus não terem sido mais danosos os estragos. Vão à Delegacia e prestam a devida queixa. As consequências, ao final, não foram tão irremediáveis. No outro dia, o carro é encontrado, como também os documentos jogados no banco traseiro. E por ironia do destino, sabe-se lá por que... um dos meliantes fora encontrado morto. Depois se ouviu dizer que, talvez, quem sabe, o próprio comparsa foi o algoz. Hipótese bastante plausível.

Semana seguinte, superados já os traumas do episódio, seguem-se em aulas. Ainda, e renitentemente, Roberto e demais colegas de olho em Maria Clara. Um certo desejo inibido e recalci-trante, uma paixão retida e persistente. Eis que a amizade é correspondida.

No corredor da Faculdade eles se encontram.

- Oi Roberto. Como vai? Gostou da prova?

- Oi, Maria Clara. Como tinha estudado, deslanchei. Muito interessante o assunto. Mas e você? Como se deu na prova?

- Tanto quanto você, Roberto, também gosto demais de tal matéria. Me saí muito bem na prova.

Descem as escadas simpaticamente, entre olhares e fluidos positivos... Ele meio tímido, com palavras compassadas, pergunta:

- Você aceitaria um suco?

- Roberto, hoje gostaria de tomar um chopp. O que você diz?

- Na hora... Então vamos. Responde ele, já um tanto tomado por entusiasmo indisfarçável.

Seguem para um restaurante antigo da cidade, com certo toque europeu. Conversa vai, assunto vem... Eles se dão bem, se abraçam carinhosamente e com certa sutileza se beijam. Horas se passam. Finalmente ela o convida para irem ao seu apartamento. Antes vai ao telefone, que fica no balcão. Ninguém atende ao chamado. Ainda assim, seguem rumo ao apartamento. Já com movimentada intimidade, pega o elevador. Ele a enlaça com jeito e persistência, beijando-a, cheirando, roçando tênue e compassadamente os movimentos da boca nos sulcos da pele do pescoço dela. O elevador grita o sinal de terem alcançado o andar desejado. E já na porta do apartamento, como

poeta, fala-lhe de maneira inspiradora um poema da poeta portuguesa Maria Teresa Horta, a quem vinha estudando há algum tempo. Ouça, linda: *Segredo*. - Não contes do meu / vestido / que tiro pela cabeça / nem que corro os / cortinados / para uma sombra mais espessa. / Deixa que feche o anel / em redor do teu pescoço / com as minhas longas / pernas / e a sombra do meu poço. Não contes do meu / novelo / nem da roca de fiar / nem o que faço / com eles / a fim de te ouvir gritar.

Entram, põe uma música e se encantam. Ela eriçada de vontade louca, beija-o pelas costas, arrancando-lhe a camisa com certo gesto brusco, passando-lhe as unhas ora forte, ora suave. Roberto, extremado pela vontade do corpo, deita-a no sofá e passa a aplicar-lhe beijos, umedecendo-lhes os sulcos da pele, deixando-a excitadíssima. Entreolham e são alvos dos seus olhares. Seios fartos, mirando o alto, tensos pela ansiedade de serem tocados. Ele roça suas partes carnudas e arredondadas. O império de um dos sete pecados capitais, a luxúria... Ele cava uma trilha em sua fenda, com tato e contornos de cheiro forte de sexo. Se encaixam e caem exaustos pelo prazer do gozo.

Roberto, meio acanhado, mesmo depois de tanta intimidade, ri de felicidade e ela, reciprocamente, abraça-lhe e lhe denuncia: "Gosto de você." Já é madrugada quando se despedem. Ele rumo para casa.

Os dias se seguem e sempre se encontram, mas não atam namoro. Ela, sempre reservada, não lhe conta do seu segredo... Terminam o curso, ele vai morar na capital, advogar. Ela passa num concurso em sua terra natal, Teresina, Piauí. Ele, Roberto, nunca a esqueceu.

Passaram-se cerca de três décadas. Numa certa ocasião, em frente ao Tribunal de Justiça da Capital, tem ele uma grande lembrança ao ver uma bela mulher. Uma garota, semelhança pura de Maria Clara. A moça para e o observa quase incomodada pelo olhar insistente de Roberto.

- Por que me segues? Indaga a moça.

Roberto responde, meio atônito:

- Você me lembra alguém que ficou tatuada em minha memória. Chamava-se Maria Clara.

- Minha mãe... Responde a garota. ✖

José Edmilson Rodrigues, paraibano, natural de Campina Grande, poeta, ensaísta, Mestre em Literatura e Interculturalidade, publicou, entre outros, 'A solidão dos olhos e as vertigens do tempo' (poesia, Mondrongo) e 'A Poética do ridículo' (crônicas, contos e ensaios, Mondrongo).

Prosa no Rio de Janeiro

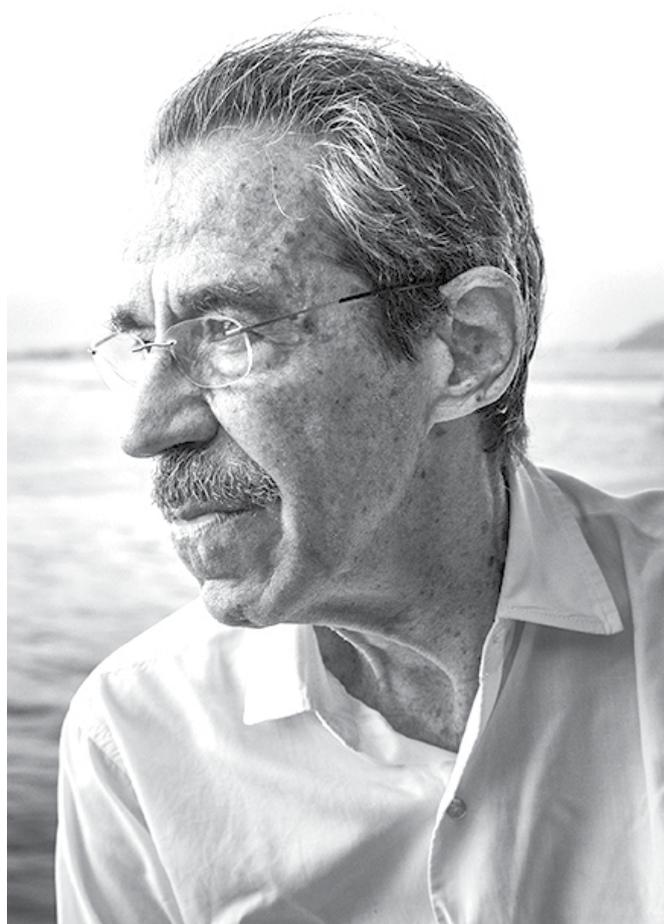
E POESIA EM JOÃO PESSOA



1. *Só Prosa*, de Armando Freitas Filho

Depois publicar quase 20 livros de poesia, Armando Freitas Filho está lançando *Só Prosa* (Companhia das Letras, 2022).

FOTO: DIVULGAÇÃO/CIA DAS LETRAS



Os textos reunidos falam de suas lembranças na infância e o contato com os primeiros livros, mas não deixam de fazer importantes reflexões sobre o processo de criação literária na fase adulta.

Entre as muitas memórias há uma impaciente conversa ao telefone com uma amiga – só com amigos temos esta liberdade – que se estende por sete horas. Sempre discutindo literatura e a própria amizade – esse duo amorável que os amigos celebram tão bem.

A Copa de 50 ficou na memória do poeta: “A primeira vez que entrei no Maracanã foi no dia em que se inaugurou o estádio”. Tinha dez anos de idade. Presenciou a derrota do Brasil para o Uruguai e nunca se livrou deste episódio: “O Maracanã foi minha primeira ruína”.

Franco, não dissimula suas dificuldades com viagens. Resultado: o Rio de Janeiro acaba sendo o cenário de quase tudo que conta.

IMAGEM: REPRODUÇÃO



Armando Freitas Filho e a capa do seu 'Só Prosa', livro que reúne textos acerca das memórias e do processo criativo do poeta

▶ Dividido em duas partes – “Eu” e “Eles” – o livro é, acima de tudo, um mergulho nas próprias formação e criação literárias. Fala de si e fala dos outros, no caso, a família, a amiga e acima de tudo, os poetas.

Mas o que conta mesmo é como se fez o poeta/escritor e como se deu seu processo criador. Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, João Cabral, Ferreira Gullar são seus interlocutores. Mais: são seus amigos. Não apenas literários. Com alguns, de alguma forma, chegou a conviver. Ao longo do livro vão aparecendo outros nomes, mas *en passant*. Dão um colorido. De fato mesmo, é o quarteto é que estrutura sua formação e a criação artísticas.

Logo nas primeiras páginas do texto “Babá”, um misto de memória com ficção – algo como o que vem sendo chamado hoje de autoficção – o poeta deixa transparecer um dos traços distintivos de sua personalidade: a autocrítica sem piedade. Ele é duro consigo. Como se verá nos textos seguintes, ainda que tenha se casado e constituído família, percebe-se que é um homem solitário. Talvez resquício de sua infância de filho único: “Filho único não tem direito nem a Caim”.

Dono de uma escrita direta, sintética, sem torneios inúteis, sua forma cativa o leitor que é levado por mão leve e sintaxe tão acolhedora quanto

hipnótica. No capítulo “Crescimento” descreve seu processo de alfabetização até o de iniciação à criação literária em apenas dezoito linhas. E conclui: “E acelera cada vez melhor o rascunho do poema que foi se firmando, reto e claro, no livro que já acolhe e o protege e é impresso, encadernado pela capa que vai durar um tempo”.

No capítulo “Da incompetência”, a autoironia reza um misto de pessimismo com mofa: “No meu caso, com o conhecimento adquirido de mim mesmo, conhecimento perturbado pelo pânico de quem completou sete décadas de vida (e, portanto, mais perto do fim)”, confessa que sempre gostou de escrever e que no seu processo de adesão à linguagem, contrapôs “ao personagem do diletante, o do autodidata concentrado, sem autonomia, a não ser que se preste a esse fim único. Em ambos há desperdício de élan. No primeiro, por diluir-se ou evaporar-se em paixões voláteis, sem raízes genuínas na sua história, e no segundo, por ter que se empenhar, como que em dobro, para alcançar o pretendido. Pelo menos, pude ocupar minha vida com o aprendizado obstinado, sem norma e sustentação aparente”.

Há o caso do fatídico passeio com a filha de cinco anos ao zoológico. Tudo começa numa belíssima manhã aberta de sol e céu azul – e termina

com um temporal que desaba e ele e a filha calados e assustados dentro de um táxi. Em meio ao passeio, a queda de um menino no espaço do gorila e o sacrifício necessário do animal, frente a todos, para salvar a criança. Uma memória que o autor guarda tão dolorosamente que até hoje nega-se a saber se a filha lembra-se do malgrado dia.

O capítulo “Armando um esboço de romance” é um deboche com a autoficção que se propõe desconstrutivista, uma ironia com a linguagem pós-moderna e uma autobrincadeira com seu próprio nome, senão com o próprio eu. Estamos percebendo que o humor é uma notável constante na prosa de AFF. O sutil e bem elaborado humor, que se arquiteta em construções inusitadas, muitas vezes escondendo-se em eclipse ou suaves nuances, quiçá trocadilhos obíquos.

Ao falar de Drummond (“até hoje aos 78 anos, quando estou perdido, abro seus livros e sempre encontro alguma salvação”), Bandeira, Gullar (de quem copiou à mão um livro todo com grande admiração), é, todavia, visível o encantamento e a sedução que sobre ele exerce João Cabral. Enfim, um poeta que narra memórias e faz reflexões com maestria – e a cada página amarra o leitor com revelações da vida e reflexões sobre literatura. *Só prosa*: um livro que veio para ficar.

FOTO: REPRODUÇÃO



2. Bem-vindos os bárbaros, de Moama Marques

Moama Marques, nascida em Pombal-PB e professora da UFPB, arriscava poemas esparsos na internet quando tive a sorte de lê-los e convidá-la a participar de um livro que organizava com poetas inéditos/as ou que estrearam em livro a partir dos anos 2000. De início recusou, alegando que não era poeta para tanto. Insisti, e depois de muita resistência, acabou concordando em participar

da antologia que veio a se chamar *Engenho Arretado*, agora publicada pela Editora Patuá. Vai que seu livro de estreia, *Bem-vindos os Bárbaros*, da editora Urutau, acabou sendo lançado antes da antologia. Coisas do mercado editorial.

Vibrei com o lançamento. Festejei a estreia de uma poeta que, desde os salteados poemas nas redes sociais, anunciava sua fina sensibilidade para a palavra

poética – o que se confirma com a participação na antologia e em seu primeiro livro. Bem-vinda Moama Marques ao universo da poesia. Aqui é seu lugar. ▶

IMAGEM: REPRODUÇÃO



‘Bem-Vindos Os Bárbaros’, de Moama Marques (na foto), marca a estreia da paraíba na poesia

◆ festas semióticas

► *Bem-vindos os Bárbaros* estrutura-se em duas partes, uma no trabalho de linguagem, outra no temático. Embora esta divisão não esteja marcada graficamente, a leitura contempla-a com facilidade. E mais: este recurso representa um ganho a mais para a configuração estrutural da obra.

Na primeira parte é o poema que se autocomenta, numa exaltação da palavra. A delicadeza das imagens, da rede sonora e dos fios de ideias leva o leitor a momentos da mais sublime fruição poética. A poesia cumpre finamente o preceito de Octavio Paz: “Revela este mundo, cria outro”.

“Este mundo” trivial encanta-se porque passa a ser revelado por uma percepção inusual, de súbito nova, aquela que cria “mundos no mundo”, como profere outro mestre da palavra, Caetano.

E esta tradução do dia a dia, do habitual, do automatizado, é tecida por pequenas e delicadas observações, como no poema “MIRADA”, que a poeta colhe e mostra em luzinhas de miríades de significados:

*Uma mirada sobre a página
é sobretudo
uma visão de mundo*

*A rebelião consiste em olhar
muito tempo
o corpo de um poema
até perder-se de vista*

Ou em “MÉTODO”:

*Tem dias evito o poema
como um velho conhecido
à fila do pão.*

“Mirada” é gesto trivial de contemplar o corpo do poema por um longo tempo, como quem procura sua sina, fado e horizonte. Ou por seu encantamento sem a solução de palavras e gestos – o instante que a semiótica peirceana nomeia como aquele em que se está sem se dar conta, sem se perceber. Coisa de maluco – como é maluca toda poesia em si mesma.

“Método” é a negação parcimoniosa que foca na figura simbólica do alimento mais comum e usual. Num mero terceto, que se encolhe silabicamente a cada verso, o poema

come-se e, metalinguisticamente, evita-se. Contrariando o ditado ou o versículo bíblico, não é o pão que se reparte, mas o pão que se recolhe. Poema da contenção, é método de autocontenda. A luta do poeta é consigo – e as palavras, ecoam a perspicácia drummondiana.

Na segunda parte, Moama, em algum momento, deixa ecoar o identitarismo. Passa a discorrer, por exemplo, sobre o papel da mulher na história (literária) e o papel do corpo feminino no mundo contemporâneo. Levemente permite que o tema turve a linguagem poética. Sua poesia não fica menor, porque é bela por si, mas abre uma fresta para que uma leve nuvem possa surgir – ainda que *en passant*:

“Banquete”

*É importante que nada escape
à revisão da história
que se diga que a mortalha
que de dia fiava
fazia nas madrugadas de lençol*

*Que aqueles que dispensava
eram amantes
nunca pretendentes*

*E que primeiro
exigia-lhes o gozo
depois embriagava-os
na medida exata
para que, sim, regressassem
mas nunca lembrassem
que perderam Penélope
esposa de Ulisses
mãe de Telêmaco
filha de Icário*

*Fosse outra
vestia-lhes ela mesma
a mortalha
ou nus
se em noite
de banquete
entregava-lhes a cabeça*

de bandeja

A necessidade de afirmar a revisão da história a partir do ponto da vista da mulher é uma tênue e passa-

geira nuvem sobre o apuro formal – e o prosaísmo assume, por segundos, o *flash* da cena.

Esclareça-se: não se trata de condenar-se o identitarismo. Não há tema que não seja poético. O tratamento formal é a chave da poesia.

Enfim, estamos diante de uma poeta que estreia com um belo livro de poemas e que já demonstrava ser dona de impecável conjunto de poemas na antologia *Engenho Arretado*, cuja preparação, como vimos, é anterior a seu livro de estreia. Aguardando o novo livro, vamos nos deliciar com mais três poemas de *Bem-vindos os Bárbaros*:

“Carpideiras”

*Do lado de cá
É tanto mar
A perder de vista
Que não há terra firme
Que nos livre
Desse ofício de sal*

“Habitar a casa (dança)”

*Entre os modos
De buscar a lucidez
Reviro a chama
Sobre a página branca*

“Sangria”

*A memória do meu pai tem o cheiro
da chuva
chegando ao sertão*

Não demora, e tudo é infância

*A alegria, um rio
navegável
ao meio-
fio*



Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

O 'Vilarejo'

DE MARISA MONTE

Rodrigo Falcão

Especial para o *Correio das Artes*

Em um momento de tanta intolerância mundo afora, viajar na utopia de Maria Monte e no seu vilarejo cheio de bucolismo e paz, é uma dádiva que apenas a arte nos transporta. A canção 'Vilarejo' está no disco *Infinito Particular*, de 2006.

Vilarejo

(Marisa Monte / Pedro Baby / Carlinhos Brown / Arnaldo Antunes)

Há um vilarejo ali
Onde areja um vento bom
Na varanda, quem descansa
Vê um horizonte deitar no chão

Pra acalmar o coração
Lá o mundo tem razão
Terra de heróis, lares de mãe
Paraíso se mudou para lá

Por cima das casas, cal
Frutas em qualquer quintal
Peitos fartos, filhos fortes
Sonho semeando o mundo real

Toda gente cabe lá
Palestina, Shangrilá

Vem andar e voa
Vem andar e voa
Vem andar e voa

Lá o tempo espera
Lá é primavera
Portas e janelas ficam sempre abertas
Pra sorte entrar
Em todas as mesas, pão
Flores enfeitando
Os caminhos, os vestidos, os destinos
E essa canção
Tem um verdadeiro amor
Para quando você for

Vem andar e voa
Vem andar e voa
Vem andar e voa

COMPREENSÃO:

O eu lírico enfatiza a metáfora de uma terra tranquila e sem guerras, ou seja, há uma maneira de acalmar, e pelo fato de ser um lugar calmo, não existe discórdia, isto é, a representação bucólica reforça a paz interior no coração das pessoas. Exemplo: "Há um vilarejo ali / Onde areja um vento bom / Na varanda, quem descansa / Vê o horizonte deitar no chão / Pra acalmar o coração / Lá o mundo tem razão". Nos seguintes versos "Terra de heróis, lares de mãe", destaca-se o lado do indivíduo, notabilizado por seus atos guerreiros, coragem, e a figura feminina simbolizada como mãe habitando o mesmo lugar.

Na sequência, temos a referência do Paraíso como uma forma de tudo ser livre por lá, ou melhor, o "Paraíso se mudou para lá" sem restrições, dando a ideia de lugar de delícias, repleto de felicidades, onde há paz e sossego. Em outro significado, o Paraíso seria jardim de delícias onde Deus colocou Adão e Eva; Éden: paraíso terrestre. Mais adiante, a cal é colocada como pintura e pode ser também a paz por cima das casas (a cal representa a paz pelo fato de ser branca). Exemplo: "Por cima das casas, cal".

O lugar passa a ideia de que não existe fome nos seguintes versos: "Frutas em qualquer quintal/Peitos fartos, filhos fortes (as mães e filhos são sadios). Há fartura e as mães servem como associação dando a ideia de tornar os filhos fortes num mundo real e absoluto.

É interessante observar que no lugar não existe distinção nenhuma sobre quem o frequenta. Um exemplo utópico é a existência da Palestina e Shangri-la (opostos). Shangri-la, da descrição literária do inglês James Hilton, *Lost Horizont* (*Horizonte Perdido*) de 1933, é descrito como um lugar paradisíaco situado nas montanhas dos Himalaias, sede de panoramas maravilhosos e onde o tempo parece deter-se em ambiente de felicidade e saúde, com a convivência harmoniosa entre pessoas das mais diversas procedências. Palestina – é um Estado de jure que reivindica soberania sobre os territórios da Cisjordânia e Faixa de Gaza e que designa Jerusalém Oriental como sua capital, apesar de seu centro administrativo estar localizado na cidade de Ramallah. Mais adiante, o refrão "vem andar e voa" é uma forma de sonhar com os pés fora do chão por um mundo melhor, um lugar melhor de se viver.

A calma é apresentada como uma maneira de esperar, a primavera simboliza a paz junto com a serenidade e tudo está sempre aberto. Mais uma vez, reforça-se a ideia de não existir violência. Exemplo: "Lá o tempo espera / Lá é primavera / Portas e janelas ficam sempre abertas pra sorte entrar". Depois, mais uma vez temos o conceito reforçado de um lugar sem fome, as flores enfeitam os caminhos, o futuro e se confundem com a melodia; até a chegada da felicidade com o amor verdadeiro encontrado apenas no vilarejo. Exemplo: "Em todas as mesas, pão / Flores enfeitando / Os caminhos, os vestidos, os destinos / E essa canção / Tem um verdadeiro amor / Para quando você for".

Rodrigo Falcão é professor de língua portuguesa, crítico musical e foi colunista da Tabajara FM com o quadro 'Eu Lírico' (2017-2018). Mora em João Pessoa (PB).

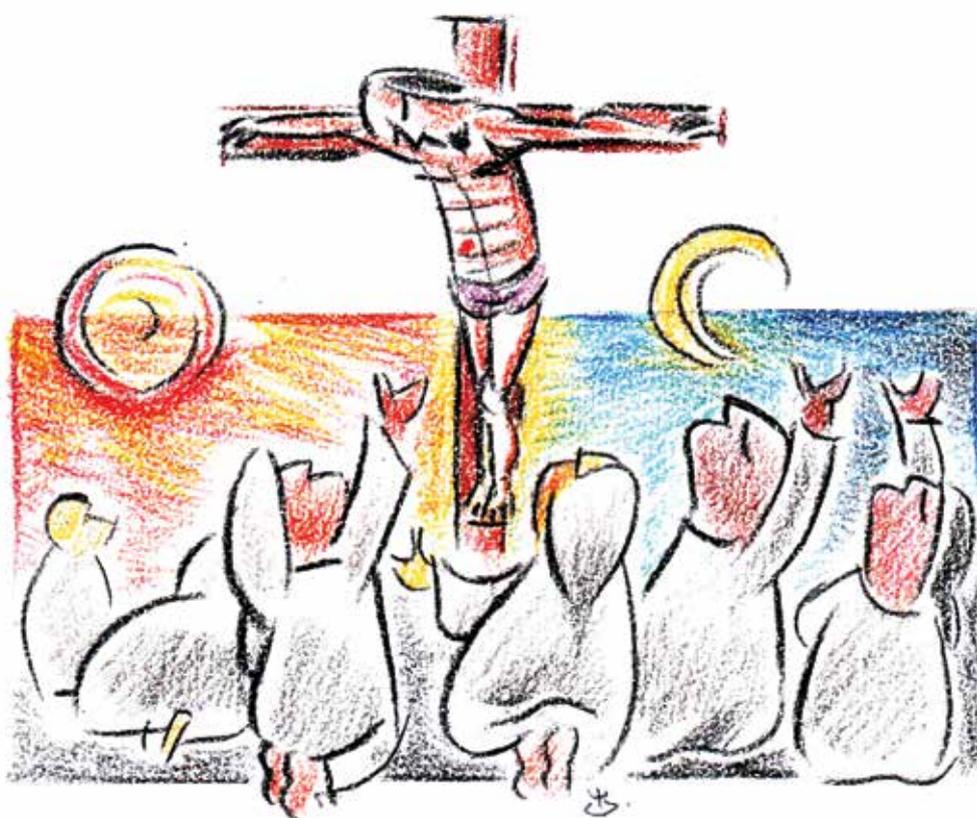
FOTO: LEOAVERSA/IDIVULGAÇÃO



Através do QR Code, ouça a música 'Vilarejo'



O errante sou eu

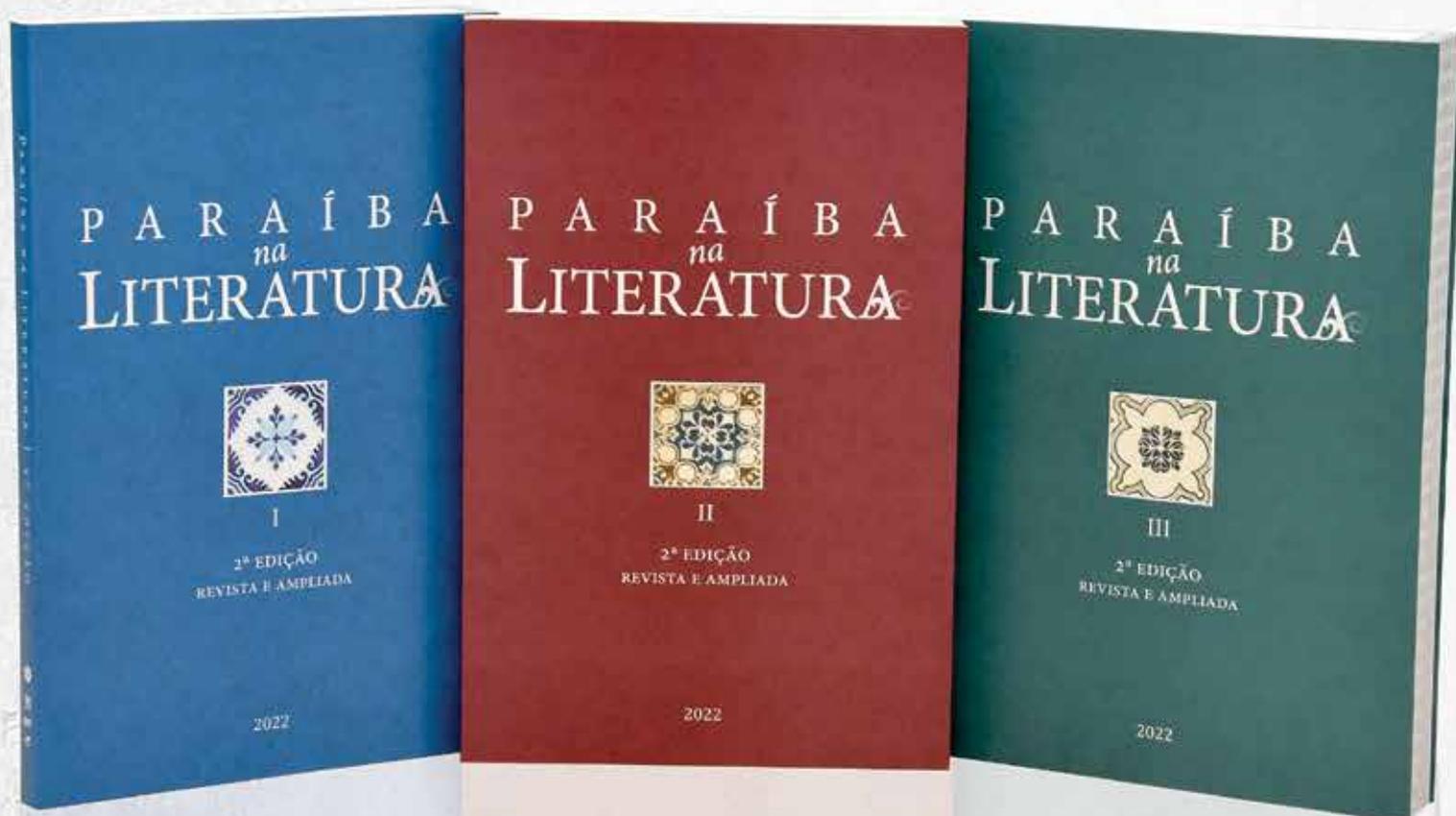


Eu ia para a minha condenação carregando, estropiado, a minha cruz. E, ao passar por uma rua, um tipo me negou um copo d'água. E zombou de mim: "anda, reizinho, te apressa daí!". Então me voltei para ele e o esconjurei: "nunca morrerás, viverás por muitos lugares e até o fim das eras". Mas – eu soube quando conduzido para ser pregado – ele colapsou na mesma tarde. E, mesmo crucificado e morto, feito alma punida, quem se mete por tantos campos e cidades e irá até o fim das eras sou eu. ✦

Rinaldo de Fernandes
é escritor, crítico de literatura e professor da
Universidade Federal da Paraíba.
Mora em João Pessoa (PB).

PARAÍBA NA LITERATURA

Adquira nosso panorama da escrita paraibana



À venda, em conjunto ou separadamente

Contato comercial:

☎ (83) 98855.3199

📧 @editorauniaio



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO



EDITORA
A UNIÃO



transformando vidas
pela música

Escola de
Música Sesc
Dom Ulrico

Sesc
Fecomércio
Senac